

3.º 7

Rio Grande do Sul 13 de Novembro de 1887

2m



Comédia Social: arte caricatural, humor e sátira na cidade do Rio Grande

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

84



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



***Comédia Social: arte
caricatural, humor e
sátira na cidade do Rio
Grande***



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Comédia Social: arte caricatural, humor e sátira na cidade do Rio Grande



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: *Comédia Social*: arte caricatural, humor e sátira na cidade do Rio Grande
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 84
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-009-8

CAPA: Frontispício da *Comédia Social* entre out. 1887 e jan. 1888.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

... a *Comédia* [fica] de binóculo em
punho, observando as tramoias, para
as historiar.

Comédia Social, 23 out. 1887

Apresentação

A imprensa ilustrada de cunho satírico-humorístico e voltada à inserção da arte caricatural teve um avanço exponencial no Brasil da segunda metade do século XIX. O Rio de Janeiro, como capital imperial/republicana e epicentro cultural do país constituiu verdadeiro polo irradiador de tal gênero jornalístico, surgindo nessa cidade revistas ilustradas que chegaram a servir como modelo e referência para os periódicos desse estilo que se difundiram em termos nacionais, além dessas mesmas edições cariocas terem obtido um alcance extraordinário, algumas delas chegando a ser distribuídas em várias partes do território nacional¹. Nesse sentido, de norte a sul, nas mais importantes localidades, houve espaço para o desenvolvimento de um periodismo caricato, com a edição de publicações mais perenes, cuja circulação

¹ A respeito da expansão da caricatura ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 3-21.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976.

estendeu-se por décadas, e outras, bem mais efêmeras, com projetos editoriais que tiveram destinos malogrados.

A mais meridional das unidades administrativas brasileiras, o Rio Grande do Sul, também constituiu um cenário favorável à difusão da imprensa ilustrado-humorística, com o surgimento de vários títulos nas suas principais cidades, ou seja, a capital, Porto Alegre; a urbe vinculada à produção pecuário-charqueadora, Pelotas; e o grande entreposto comercial, Rio Grande². A cidade portuária do Rio Grande teve um jornalismo pujante quantitativa e qualitativamente para os padrões de então. Como principal empório mercantil provincial/estadual, a urbe portuária atingiu considerável desenvolvimento econômico e progressões demográficas, que se tornaram terreno fértil para um aprimoramento cultural, no seio do qual houve o avanço jornalístico.

Nesse sentido, ao longo do século XIX, na cidade do Rio Grande foi praticado um jornalismo de ponta de acordo com os padrões editoriais da época. Dessa maneira, na comuna litorânea houve um processo de especialização da imprensa, com a publicação de folhas noticiosas, político-partidárias, comerciais, literárias, ilustradas, ou ainda aquelas que representavam e/ou direcionavam-se a determinados grupos socioeconômicos. Em meio a tantos gêneros de periodismo, as edições ilustradas satírico-humorísticas, que tinham na arte caricatural a sua essência, ganharam

² Sobre esse gênero jornalístico no Rio Grande do Sul, observar: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

o gosto do público, com a circulação praticamente ininterrupta de periódicos desde a década de 1870 até a de 1890. Dentre os títulos que foram editados no Rio Grande estiveram *O Amolador*, *O Diabrete*, o *Maruí* e o *Bisturi*, alguns deles com perenidade significativa em se tratando de representantes da pequena imprensa³. Ao lado deles, também houve projetos editoriais que não tiveram a mesma sorte, com maiores dificuldades para garantir sua sobrevivência, advindo daí uma circulação mais exígua. Nesse caso, estiveram *A Semana Ilustrada*, o *Rio Grande Ilustrado* e a *Comédia Social*.

A imprensa humorística tem uma particularidade aliciante e extremamente absorvente, vinculada à riqueza e variedade de pormenor proporcionada pelo traço do caricaturista e pela prosa mordaz dos colaboradores literários destes periódicos. Nesses casos podem ser encontrados o pitoresco de uma sociedade, as suas grandezas e misérias, constituindo um verdadeiro reflexo dos modos de ver, de ser e de parecer de uma época. Em tais publicações, os temas abordados são extremamente ecléticos e vão desde a política aos costumes, passando pela sociedade e pela economia. Também é corrente encontrar, lado a lado, o comentário a um grande acontecimento político ou a figuras destacadas da sociedade, juntamente com a piada acerca de uma qualquer figura popular. Além disso, a forma como a crítica é feita, desassombradamente, os assuntos escolhidos e o sucesso desse tipo de jornais sugerem, por

³ Acerca da imprensa ilustrada e humorística na cidade do Rio Grande, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-243.

si só, algumas características da mentalidade da época⁴. A arte caricatural consiste em apreender um movimento, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o, de maneira que obriga os seus modelos a fazerem caretas, como eles próprios as fariam⁵.

A caricatura constitui traço, desenho, gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica. Tal termo deriva-se de *caricare*, que quer dizer fazer carga contra alguém ou sobre alguma coisa. Igualmente inovadora e influente como os grandes satíricos da literatura universal, a caricatura se mantém no tempo como fonte contundente e inesgotável de humor. O caricaturista, por sua vez, é o autor, aquele que cria, traça ou faz caricatura. Ele possui estilo próprio e se realiza, especialmente, não por ser exímio desenhista, e sim por saber expressar em traços, sinais, desenhos, a natureza crítica da caricatura, sendo capaz de elaborar e celebrar, com manchas sumárias, figuras, para cuja fisionomia contribui de forma grotesca, burlesca ou simplesmente ridícula⁶.

Além disso, o caricaturista, como criatura de ímpetos, já que a caricatura, por ser uma obra por excelência instintiva, apesar de que a inteligência e a

⁴ MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 6.

⁵ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31.

⁶ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63-64.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

cultura tenham nela igualmente parte preponderante, olha sempre a realidade com a sua lente específica, tendo o fim de caracterizar aquilo que objetiva no momento, seja um fato ou uma personalidade. O ato de caracterizar é a própria finalidade da caricatura moderna, originando-se daí o poder de síntese que se exige da caricatura, seja pessoal, seja social ou política, bem como a fixação do traço definidor de um caráter ou de uma situação, ao lado de uma acuidade de observação, e da sensibilidade do caricaturista, em condições de lhe permitirem a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *pathos* individual ou das massas. De acordo com tal perspectiva, o próprio trabalho dos caricaturistas mostra a especificidade desse dom, na sua instantaneidade de criação e execução⁷.

O conteúdo expresso pelos periódicos ilustrado-humorísticos também vem ao encontro deles serem representantes da pequena imprensa. Ao passo que os jornais diários, considerados como integrantes do periodismo sério, mais estáveis e até poderosos em relação aos colegas de menor envergadura, se voltam para a univocidade, a pequena imprensa, e as folhas caricatas especificamente, optam pela equivocidade. Dessa maneira, enquanto ao detentor do poder cabe o uso das linguagens ditas sérias, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos, aos outros restam as equivocidades de todo gênero, a piada, o trocadilho, o humor, a poesia e os discursos ambíguos e até paradoxais⁸. Assim, se por um lado a imprensa

⁷ LIMA, 1963. v. 1, p. 28-29.

⁸ EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 95, 123 e 125.

considerada séria utilizava-se de matérias informativas/opinativas de conteúdo mais aprofundado e textos normalmente mais longos, os semanários caricatos, em geral, optavam por conteúdos textuais e imagéticos mais breves, com uma linguagem mais coloquial, buscando demarcar uma certa proximidade com o público leitor, tal qual estivessem promovendo um diálogo com o mesmo. Desse modo, as tiradas humoradas das folhas caricatas refletiam a seu modo as conversas, as piadas e um conjunto de diz-que-diz-que que eram estabelecidos nas ruas, nas esquinas, nos bares e mesmo nas residências, transformando-se em ditos comezinhos do dia a dia e vindo a compor o cotidiano da sociedade.

Assim, por meio desse jornalismo, a representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões, de maneira que a tradição da representação humorística ganha maior força e se aprofunda com o desenvolvimento da imprensa⁹. Em tal conjuntura, a comunicação pelo humor e pela caricatura ganhou relevo em um país avesso à propagação da palavra escrita como era o caso do Brasil. Nesse sentido, a válvula de escape do humor funcionou como antídoto contra a censura, bem como o desenho serviu como expressão plausível de fácil e imediata comunicação. De acordo com isso, constituiu-se o traço caricaturado em uma das linguagens de maior aceitação do país. Tal recurso da ilustração periódica também vinha na esteira

⁹ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

de um modismo – aquele dos jornais caricatos que faziam sucesso na Europa e não seria diferente no Brasil, onde os modismos não tardavam a chegar. Esse gênero se propagou como uma das formas de expressão mais festejadas, em um quadro pelo qual os artistas/jornalistas valeram-se da pedra litográfica como suporte técnico, e da crítica como mensagem de comunicação, ou seja, a litografia permitia a reprodução de custo baixo no território sem tradição de prelos, ao passo que a mensagem se infiltrava decisivamente em meio à sociedade. De acordo com tal perspectiva, no país de maioria analfabeta, a ilustração foi mais eficaz que a letra, de alcance imenso, levando-se em conta a força da imagem e, dessa maneira, enriquecido, o periodismo potencializou-se com base em litografias precisas, caricaturas inventivas e imagens arrebatadoras¹⁰.

Tal processo histórico desencadeou-se igualmente na cidade do Rio Grande, com o gosto do público leitor sendo atingido pelas folhas ilustradas e humorísticas, calcadas em um jornalismo crítico-opinativo, cuja base eram textos e representações iconográficas carregados de pilhéria, sátira e ironia, além de uma série de estratégias discursivas, imagéticas e alegóricas. A *Comédia Social* foi uma das representantes desse periodismo na comunidade portuária, tendo circulado nos derradeiros anos da forma monárquica de

¹⁰ MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 26-28 e 44-45. Breve contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Uma história da imprensa caricata sul-brasileira: ensaios acerca do Bisturi (1888-1893)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 12-17.

governo, entre outubro de 1887 e agosto de 1888. No acervo da Biblioteca Rio-Grandense se encontra a maior coleção existente desse periódico, havendo em sua hemeroteca as edições de número 1, 2, 4, 7, 12, 16, 27, 28, 30, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 41 e 44. A publicação manteve as edições ilustradas pelo menos até o número 16, quando seu frontispício estampava o dístico “folha ilustrada”, passando posteriormente a apresentar-se no cabeçalho como “folha literária, crítica e humorística”, abandonado a feição ilustrada, mas mantendo o veio embasado na jocosidade. Este livro visa a abordar as construções iconográficas e textuais/redacionais contidas nos exemplares remanescentes da *Comédia Social*, em sua etapa de “folha ilustrada”.

SUMÁRIO

As representações imagéticas / 21

**O conteúdo textual: breve abordagem de matérias
redacionais / 93**

As representações imagéticas

A *Comédia Social* foi criada em um momento no qual havia um hiato em meio às publicações ilustrado-humorísticas rio-grandinas. O *Maruí* deixara de circular em 1882, surgindo *A Semana Ilustrada*, em 1884, mas vindo a desaparecer logo em seguida, até que, em 1888, passaria a circular o *Bisturi*¹¹. No frontispício da *Comédia Social* não havia qualquer informação acerca da propriedade ou de seu corpo redacional. Seu escritório funcionava na Rua Andrade Neves, número 22, e sua impressão ocorria em dependências próprias, na Litografia e Tipografia da *Comédia Social*. O valor de sua assinatura nos números iniciais era de 15\$000 (anuais); 8\$000 (semestrais); 4\$000 (trimestrais); e o número avulso custava \$800. Posteriormente, quando passou a “folha literária, crítica e humorística”, os custos foram reduzidos para 10\$000 (anuais); 5\$500 (semestrais); 3\$000 (trimestrais); e o número avulso custava \$300. Nesse momento houve também uma mudança no endereço da redação e escritório, para a Rua General Netto, número 69. Além da busca pela venda de assinaturas e de números avulsos, intentava oferecer serviços complementares à sua arrecadação, garantindo aprontar, com brevidade e nitidez, todo e qualquer trabalho de tipografia e litografia, com preços sem competência¹². Ainda na edição que se refere à virada do periódico, deixando de ser ilustrado, havia a informação

¹¹ FERREIRA, 1962. p. 183-185.

¹² ALVES, 1999. p. 217-218.

de que o local de impressão do hebdomadário dominical passou a ser identificado como Tipografia da *Comédia Social*, de Pinto Monteiro.



Ficava assim demarcado o responsável pela edição do periódico, que se tratava de Francisco Guilherme Pinto Monteiro, poeta e jornalista nascido em Portugal, o qual se deslocou para o sul do Brasil¹³. Pinto Monteiro militou na imprensa pelotense e rio-grandina, vindo a casar-se, em 1876, com a poetisa Julieta Nativa

¹³ PÓVOAS, Mauro Nicola. Um português no Rio Grande do Sul: os poemas de Pinto Monteiro em *O Clarim*. *Cadernos de Pesquisas em Literatura*, v. 15, p. 29-34, 2009.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

de Melo¹⁴ (de Melo Monteiro, depois de casada), uma das precursoras da imprensa feminina no Rio Grande do Sul, com o periódico *A Violeta*, além de ter redigido junto da irmã Revocata Heloísa de Melo, o *Corimbo*, uma das mais longevas revistas femininas brasileiras. A própria presença em larga escala de textos poéticos em seu conteúdo, indica a participação direta de Pinto Monteiro na redação da folha humorística. Monteiro morreu por motivo de lesão cerebral, no ano de 1889, em condições apontadas como suspeitas pela imprensa¹⁵.

¹⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE, Rio Grande, 22 out. 1876, a. 29, n. 8316, p. 1.

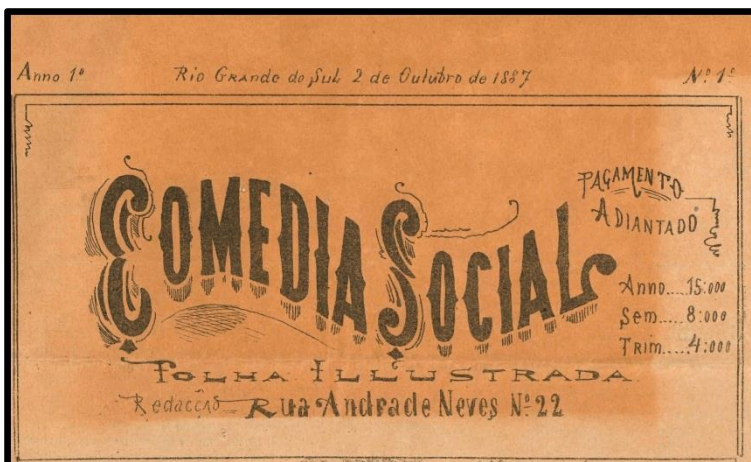
¹⁵ Em janeiro de 1889, o *Eco do Sul* informava: “Rendeu ontem a alma ao Criador o Sr. F. G. Pinto Monteiro, antigo morador desta cidade, onde contava muitas simpatias. O inditoso cidadão era acometido há longo tempo de umas síncopes, que o prostravam por muitas horas sem sentidos. Procurou todos os recursos com o fim de debelar a terrível enfermidade que o atormentava, mas tudo foi baldado” (ECO DO SUL, Rio Grande, 24 jan. 1889, a. 36, n. 20, p. 2.). Na edição seguinte, o mesmo periódico publicava a seguinte matéria: “Escrevemos as seguintes linhas, às quais damos publicidade, esperando que as autoridades deem as providências que o caso exige: ‘Faleceu no dia 23 do corrente (quarta-feira) o súdito português Francisco Guilherme Pinto Monteiro, vítima de lesão cerebral, conforme o obituário publicado nessa folha. Pinto Monteiro morreu em consequência de uma contusão no crânio, acompanhada de fratura, produzida por uma forte pancada que sobre ele descarregou o Dr. Almeida Pires, numa ocasião em que o infeliz e inofensivo moço passava pela rua Andrade Neves. Este fato criminoso é bem conhecido de todos. É indispensável que as autoridades tomem conhecimento do crime para que não fique impune o indivíduo que praticou tamanha selvageria. Convém que se

A identidade visual do periódico expressa por meio de seu frontispício, foi inicialmente, em seu número inaugural, bastante simples, restringindo-se apenas ao título, ao endereço e às informações sobre a assinatura. Já a partir do segundo número e enquanto permaneceu como folha ilustrada, o cabeçalho ganhava uma gravura alusiva às intenções editoriais do semanário. Nesse caso, o protagonismo da ilustração cabia à “dama/comédia”, ou seja, uma figura feminina, que tinha à cabeça um chapéu bastante próximo ao utilizado pelos bobos da corte – representação tradicional da arte caricatural. Tal alegoria feminil aparecia com a batuta à mão, a reger o espetáculo, tanto o orquestral, quanto o teatral, pois se avizinhava a entrada dos artistas, como aparecia no aviso escrito na partitura da “maestrina”, o qual dizia: “já subiu o

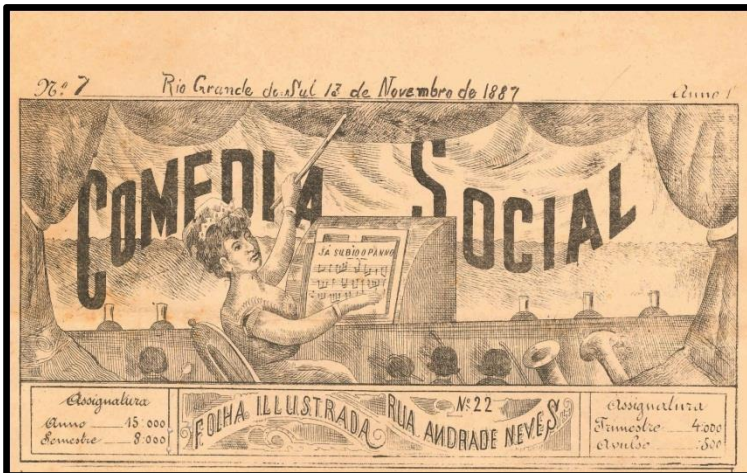
proceda quanto antes a um inquérito e à autópsia no crânio do infeliz. Em uma cidade como esta não deve haver impunidade para com um criminoso como este de que se trata, atendendo a que ele professa a ciência médica, sabendo perfeitamente o mal que podia causar a Pinto Monteiro, fraturando-lhe barbaramente a cabeça. O médico assassino deve sofrer as consequências do seu crime, sendo castigado como manda a lei. Muitas pessoas tiveram ontem ocasião de presenciar a saída de humores pelas narinas e boca do inditoso P. Monteiro, o que faz crer que a terrível contusão lhe produziu um tumor no cérebro, em consequência do qual veio a falecer. A população indignada pede justiça; e essa redação não deve ficar impassível diante de crime tão monstruoso, por efeito do qual ficou uma pobre moça na viuvez e completamente desamparada. As autoridades devem cumprir os seus deveres, seja contra potentados ou plebeus. A lei é igual para todos.” (ECO DO SUL, 25 jan. 1889, a. 36, n. 21, p. 1).

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

pano”¹⁶, ou seja, a comédia estava pronta para ser apresentada. No momento em que passou à “folha literária, crítica e humorística”, a *Comédia Social* voltou a possuir um frontispício simplificado, com o título acompanhado de informações básicas. Tanto na sua fase “ilustrada”, quanto na “literária”, a publicação não perdeu seu pendor humorístico, exercendo acentuadamente o espírito crítico, voltado em maior escala à crítica social e a de costumes, sem que deixasse de aparecer também a de natureza política.



¹⁶ ALVES, Francisco das Neves. *Alegorias feminis nos Oitocentos: a imagem da mulher como símbolo na imprensa caricata rio-grandina*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 47.

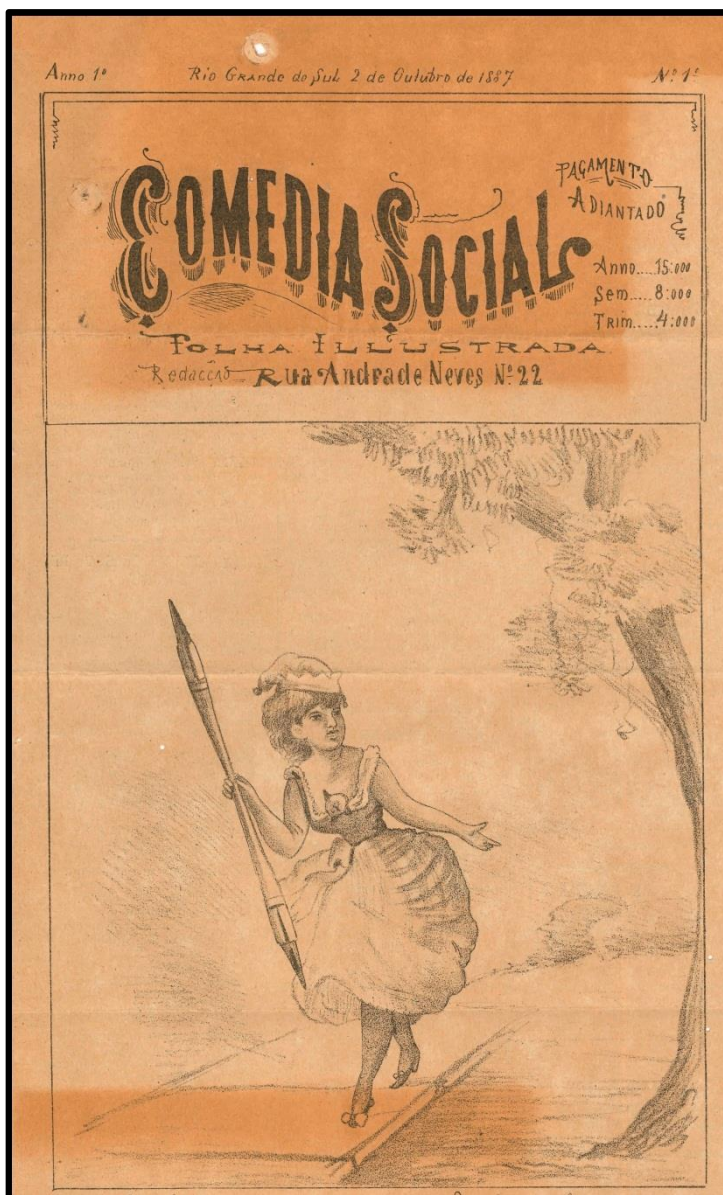


Em relação às construções iconográficas da *Comédia Social*, no seu primeiro número, aparecia na capa a própria representação da folha, embasada em uma figura feminina. Nessa linha, o periódico era apresentado por uma mulher com um vestido bastante decotado e com o gorro que lembrava os utilizados pelo bobo da corte, sintetizando assim a imagem da “dama/comédia”. Além disso, ela trazia à mão direita o crayon, instrumento que também designava o caricaturista, enquanto utilizava a esquerda para anunciar a novel publicação, proferindo os seguintes versinhos: “Eis-me, leitoras amáveis/ Em presença de

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

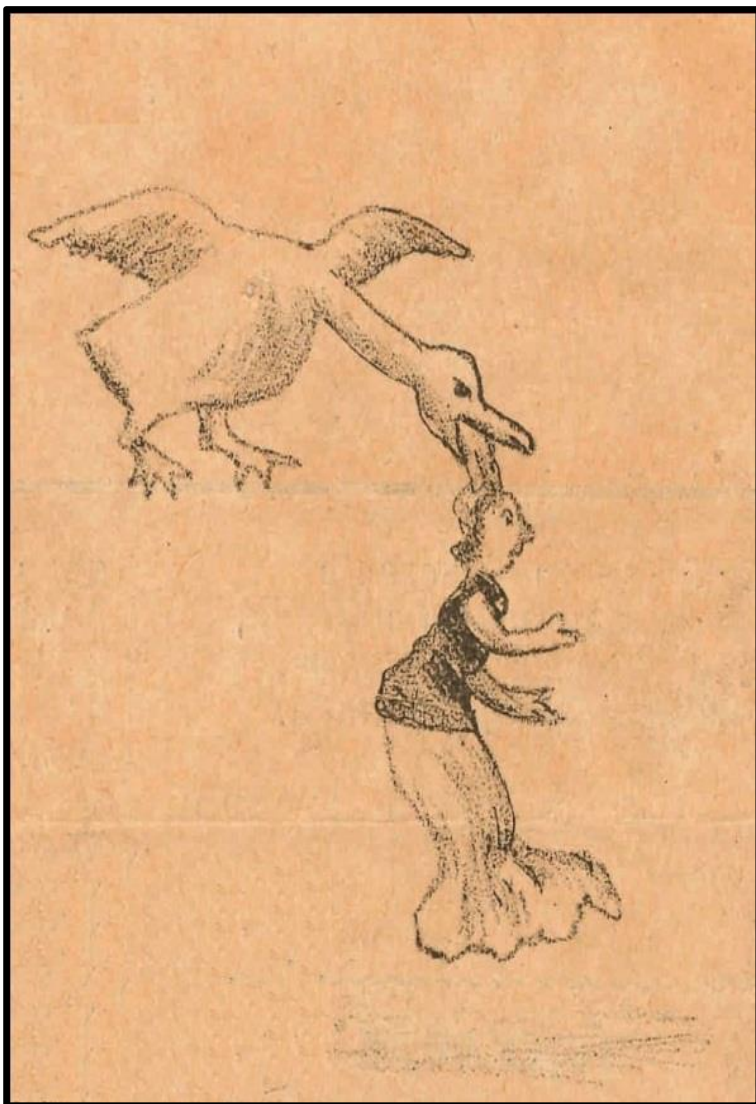
voscências,/ Sendo toda reverências/ E sedução.../ Para pedir-vos as flores/ Diletas das grandes almas.../ Em troca tereis as palmas/ Singelas do coração". A crítica de costumes e a de cunho social já apareceram nas composições imagéticas dessa edição inaugural. A cidade do Rio Grande, mormente por sua condição portuária, foi constantemente afetada por manifestações epidêmicas, como foi o caso de uma crise bastante evidenciada ao final dos anos 1880. Para designar as doenças e as mortes delas advindas, os focos epidêmicos foram muitas vezes identificados pelo ceifeiro de vidas e isso ocorreria na ilustração da *Comédia*, com a representação da morte carregando um defunto, dessa vez, entretanto, o falecimento era no sentido figurado, tratando-se do periódico caricato recentemente extinto, *A Semana Ilustrada*, que aparecia nos braços cadavéricos do símbolo da finitude da vida, com o acompanhamento de uma legenda breve: "Mais uma vítima dos micróbios...". A presença de patos parecia ser um dos incômodos que afetava a população citadina, tanto que o hebdomadário mostrou uma mulher sendo atingida pelo vômito de um desses palmípedes. Diante dessa cena, a folha ilustrada dizia com ironia: "Apesar da assídua vigilância da polícia, os 'marrecos' vão fazendo das suas...". Uma autoridade policial se via assustada com a proliferação de ratos na urbe, a maioria deles no formato normal do animal, mas outro assumindo uma feição antropomórfica. Os ratos foram uma representação recorrente da caricatura para designar atos malfeitos, corrupção e roubalheira, tanto que a legenda explicava: "A polícia vive sobressaltada com a aparição das ratazanas. Que horror"¹⁷.

¹⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887, a. 1, n. 1, p. 1 e 4.

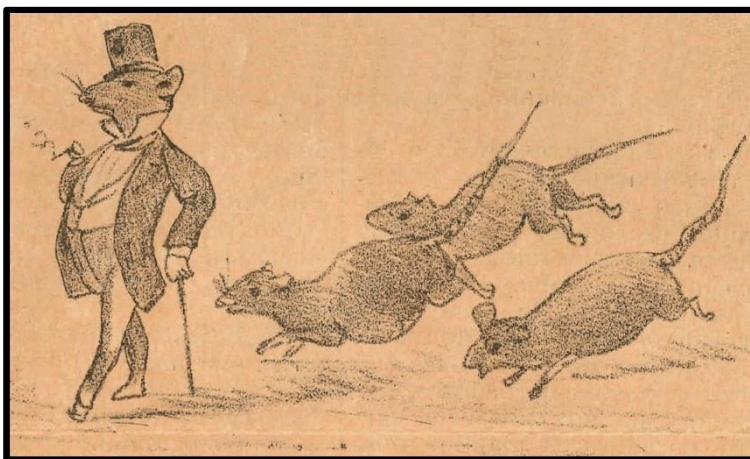


COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



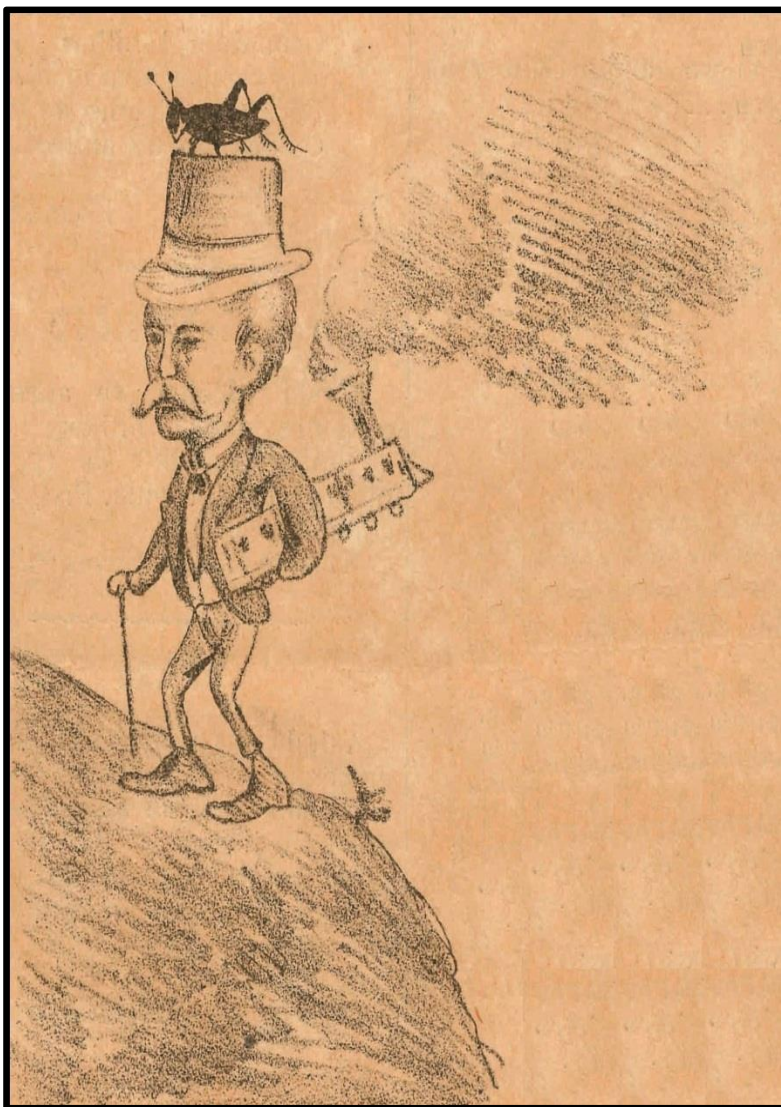
A própria ação do jornalismo servia de mote para a ação crítica e moralizadora da *Comédia Social*, como era típico da imprensa ilustrado-humorística como um todo. Nesse sentido, mostrava um jornalista representado por um machado com braços e pernas, indicando a ação afiada de seu viés crítico-censório, além de possuir um chapéu de explorador, ou seja, que enfrentava os piores ambientes para obter notícias, além da pena embaixo de um dos braços, em alusão à própria profissão jornalística. Tal figura encontrava-se frente a frente com o ceifeiro de vidas e suas analogias, com morte e doenças, de modo que o periódico manifestava-se jocosamente: “A tudo isso Cervantes despede-se saudoso dos mictórios”, se referindo a lugares que, por falta de higiene, poderiam ser irradiadores de moléstias. Um personagem bem vestido, mas que levava na cabeça, além da própria cartola, uma barata, em alusão a uma suposta falta de inteligência, protagonizava outra caricatura. Na cena, ele subia por uma leve elevação do terreno e levava sob o braço esquerdo a locomotiva de um trem, referência a uma das históricas reivindicações da comunidade rio-grandina, ligada à sempre necessária ampliação das vias férreas, elemento fundamental para o recrudescimento das atividades mercantis. O periódico colocava em dúvida a capacidade do indivíduo em levar em frente sua empreitada, ao dizer: “Eis aquele a quem está confiado o futuro destino da Província do Rio Grande do Sul !!!”. O anticlericalismo era pauta da última caricatura dessa edição, na qual o responsável por amearhar as “economias do fiel” levava um tremendo chute nos fundilhos, mas, nem assim, abria mão do dinheiro arrecado. Tal personalidade era censurada a partir da afirmação: “Tremendo pontapé... e

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

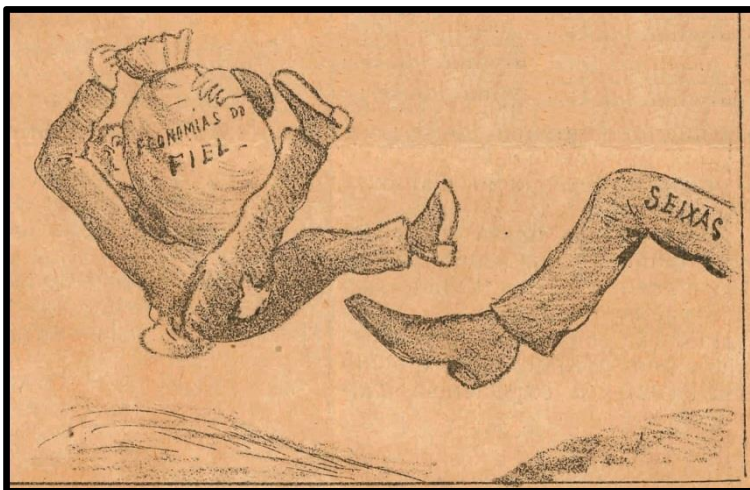
nem por isso abandonou as suas *honradas* economias...
Que cara de pau”¹⁸.



¹⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887, a. 1, n. 1, p. 4.



COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

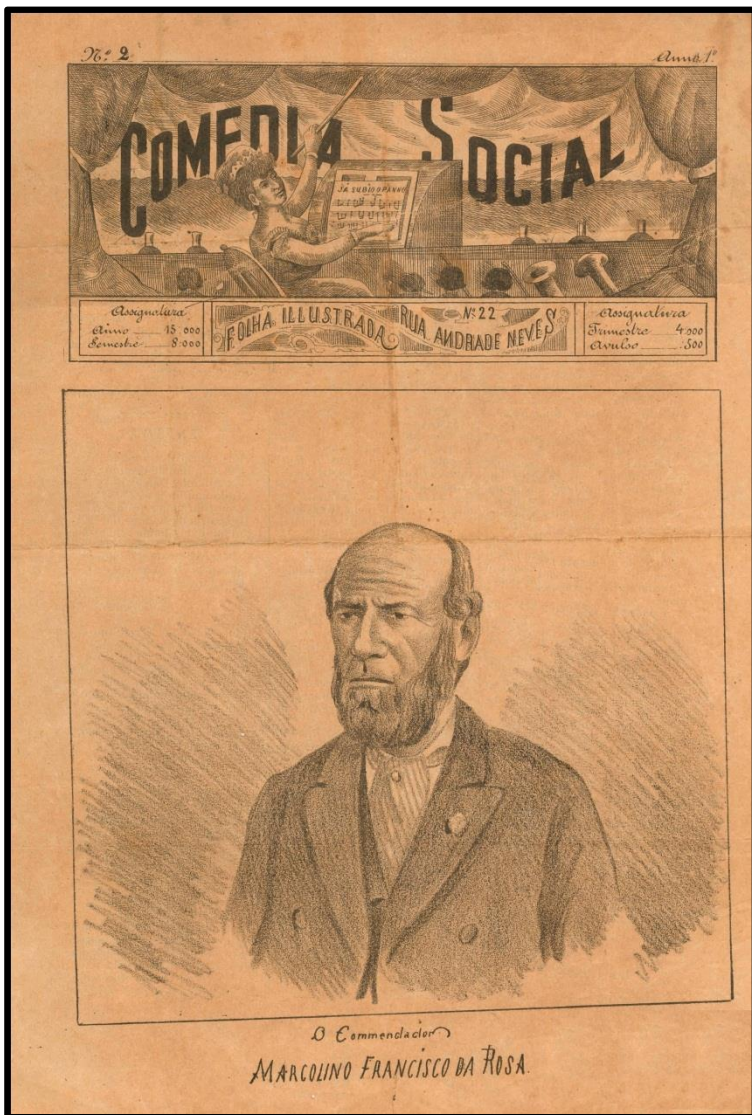


A capa da segunda edição da *Comédia Social* acompanhava uma prática bastante comum nas folhas ilustradas, mesmo que de cunho humorístico da época, dedicando tal lugar especial à realização de uma homenagem. Tratava-se assim de uma abordagem encomiástica, voltada a saudar alguma personalidade da vida socioeconômica e/ou cultural, vinculada normalmente ao âmbito local ou regional. Nesse caso, a ação laudatória recaiu sobre “o comendador Marcolino Francisco da Rosa”, cuja efígie estampava a denominada página de honra. A respeito do personagem em pauta, a redação afirmava que, “sem os preciosos dados e mesmo na falta absoluta de habilitações necessárias para desempenhar tão elevada missão”, não seria possível, como desejado, “apresentar a biografia do simpático e distinto cavalheiro cujo retrato honra hoje a nossa primeira página”. Alinhavava, entretanto, que “as poucas palavras” traçadas seriam “filhas da

sinceridade”, levando em si “o cunho do respeito e consideração que sempre” merecera “o filantrópico comendador”. O homenageado era apontado como “honrado, trabalhador, fiel cumpridor de todos os deveres impostos pela sociedade”, que soubera “elevator-se o bastante para que o seu nome” fosse “acatado e considerado como os de todos aqueles que honram a terra que os viu nascer”. Também a seu respeito era dito que, “chefe de numerosa família, deu a seus filhos a educação precisa a torná-los membros úteis à sociedade”. A ação assistencialista do personagem era ressaltada, a partir da constatação de que “a pobreza tem nele um verdadeiro pai, e a viúva e o órfão”, que a ele “recorrerem, jamais o fazem em vão”, contando para tanto, “nessa humanitária tarefa” com uma “companheira virtuosíssima, protótipo do anjo da caridade”. Ficava demarcado que o comendador tinha uma atuação política, tendo sido “eleito Presidente da Câmara Municipal”, na qual teria “envidado todos os esforços em prol deste município, o que lhe tem valido a simpatia pública”. A folha destacava ainda que, “o governo, que nem sempre galardoa os que procuram o engrandecimento da pátria, foi justo para com o honrado capitalista”, de modo que, “tendo em conta os serviços prestados” por ele “à causa da instrução pública, houve por bem condecorá-lo com a comenda da Rosa”. Em conclusão, “a *Comédia Social*” dizia prestar “com estas linhas a sua modesta homenagem ao exemplar cidadão”¹⁹.

¹⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887, a. 1, n. 2, p. 1 e 2.

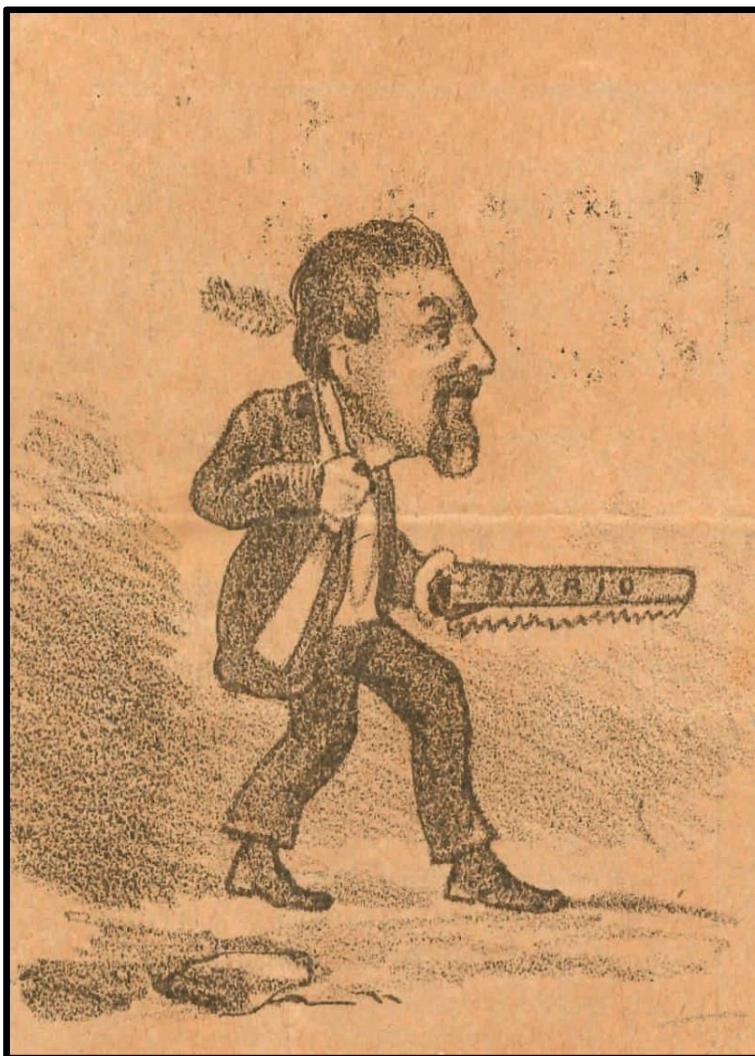
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

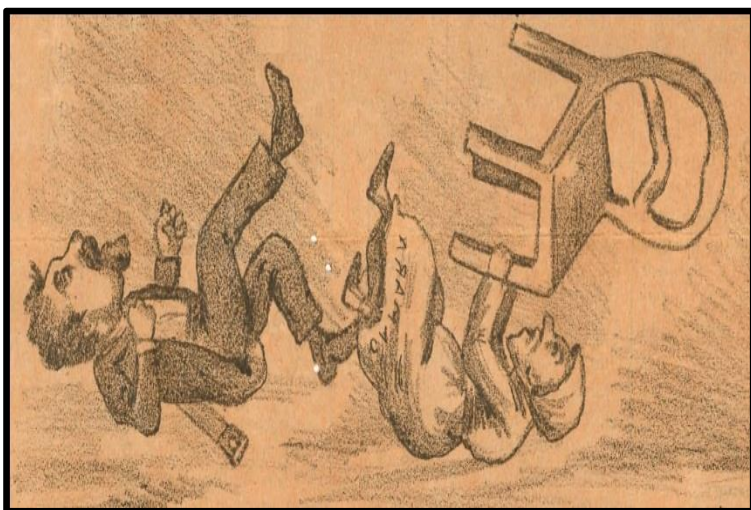
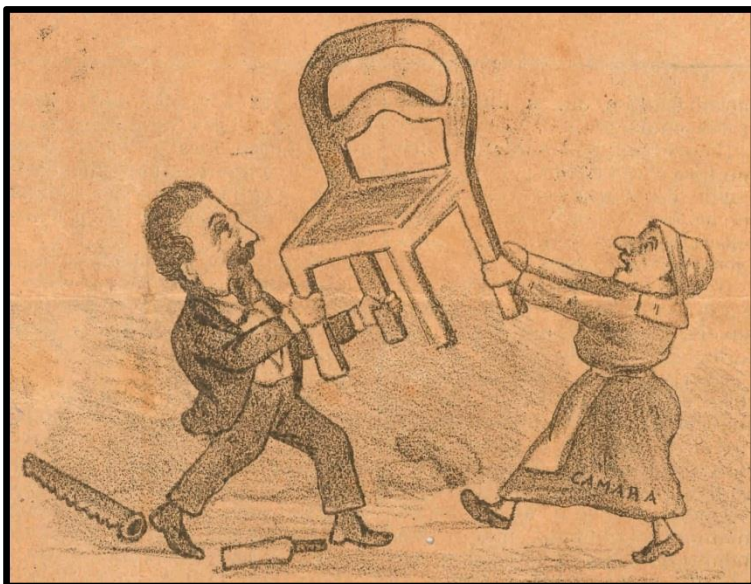


A malversação da coisa pública e a crítica política eram a temática da criação caricatural da segunda edição. O assunto eram as cadeiras da Câmara Municipal, tanto na forma física e literal, ou seja, o assento e a empresa que faria a sua confecção, assim como o figurado, referente ao lugar eletivo ocupado pelos edis. O conjunto caricatural iniciava com a presença do jornalista do *Diário do Rio Grande*, com a pena à orelha e munido de serrote e lima, instrumentos concernentes à marcenaria, diante do que o periódico afirmava: “O Androides empunha a ferramenta para tratar da questão das cadeiras com a Câmara. Pudera! Quem melhor do que ele entenderá da matéria”. Em seguida, o jornalista e uma figura feminina representando a Câmara Municipal engalfinhava-se, cada qual segurando uma cadeira pelos pés, com a constatação de que “a Câmara, porém, teima em mandar vir as cadeiras da Bahia, e trava-se a luta...”. Ambos os personagens acabavam caindo, mas a mulher permanecia em posse da cadeira, com a explicação de que “o resultado não se fará esperar, acabando a parte fraca por ceder e a mais forte por levar a sua avante, embora sofrendo alguns prejuízos”. A cena era assistida por indivíduo de braços cruzados e com ar de pouca satisfação, além de um nariz de tamanho desmesurado, demonstrando a insatisfação com a situação: “Deixando os nossos bons e laboriosos industrialistas com um nariz de palmo e terça!”²⁰.

²⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887, a. 1, n. 2, p. 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

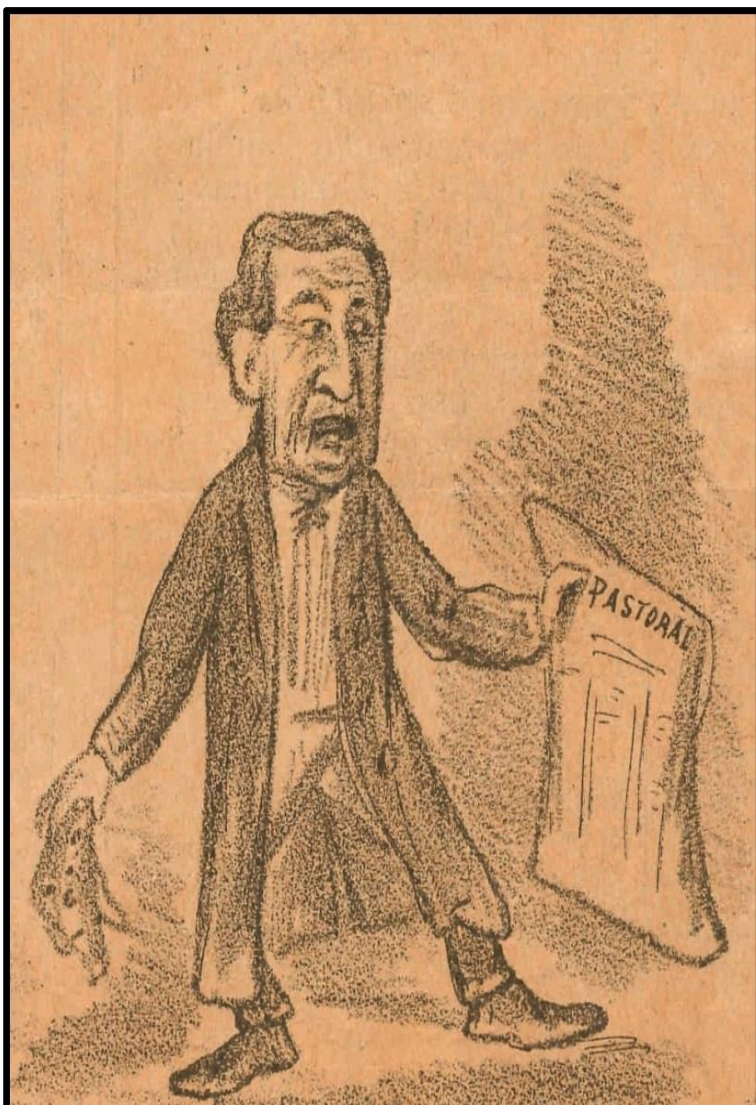


As caricaturas da segunda edição traziam ainda a manifestação do espírito anticlerical, com a figura de um sacerdote falando aos seus fiéis e, por tratar-se de uma autoridade eclesiástica, seu tamanho era representado de forma totalmente desproporcional e agigantada em relação às demais pessoas. O olhar, entretanto, era crítico, tendo em vista que tal personalidade religiosa estaria dando uma informação que só viria a se confirmar como verdadeira, sete meses de depois. Nessa linha, a legenda dizia: “Em Porto Alegre, o Rev. Bispo Diocesano proclama a abolição da escravatura”. A óptica censória destinava-se também a um indivíduo identificado com a causa escravocrata, que estaria sofrendo com aquele tipo de informe: “O Escorrega ao receber tal notícia é vítima de um tremendo ataque de estupidez”, tanto que, “incontinenti manda chamar o seu inteligente filho, para salvar-lhe a negrada que lhe dá o pão”. Já um outro personagem, identificado pela efígie, entre parênteses e cuja cabeça fazia o papel do ponto de exclamação, seria aliviado das críticas daquele dia, mas prevalecendo o anúncio de que, na semana seguinte, ele não seria poupado: “Oh!... pois consegui escapar-se das vistas hoje! Bem; pode ir em paz. Mas não deixe de nos aparecer domingo, sim?”²¹.

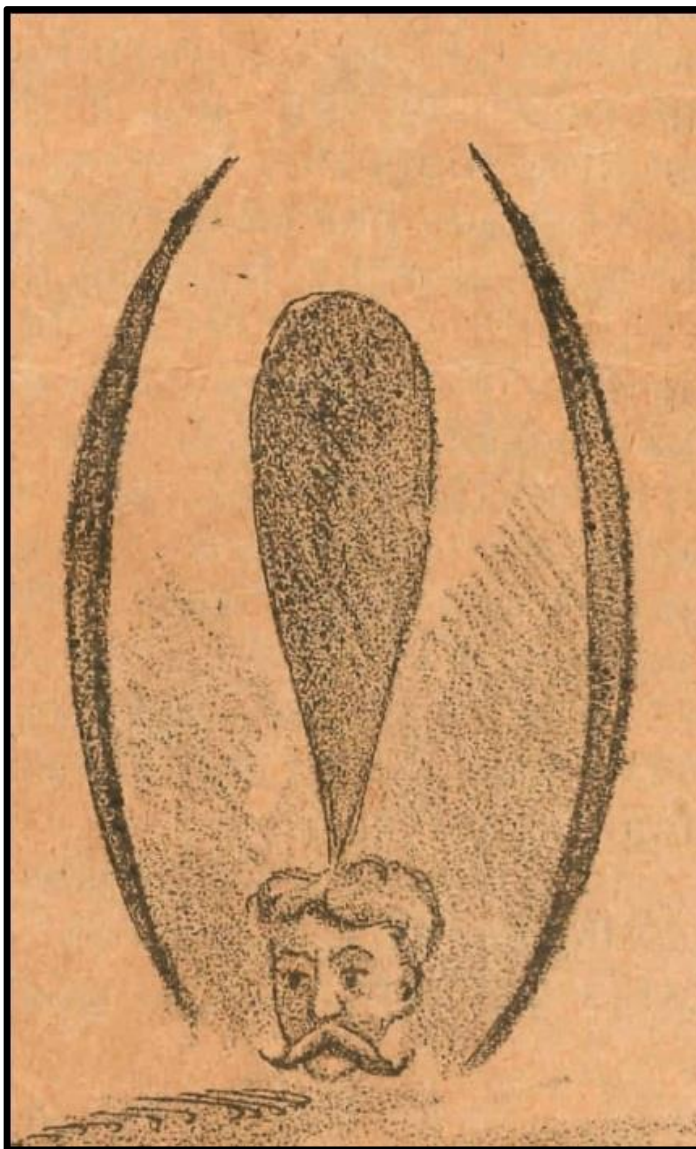
²¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887, a. 1, n. 2, p. 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





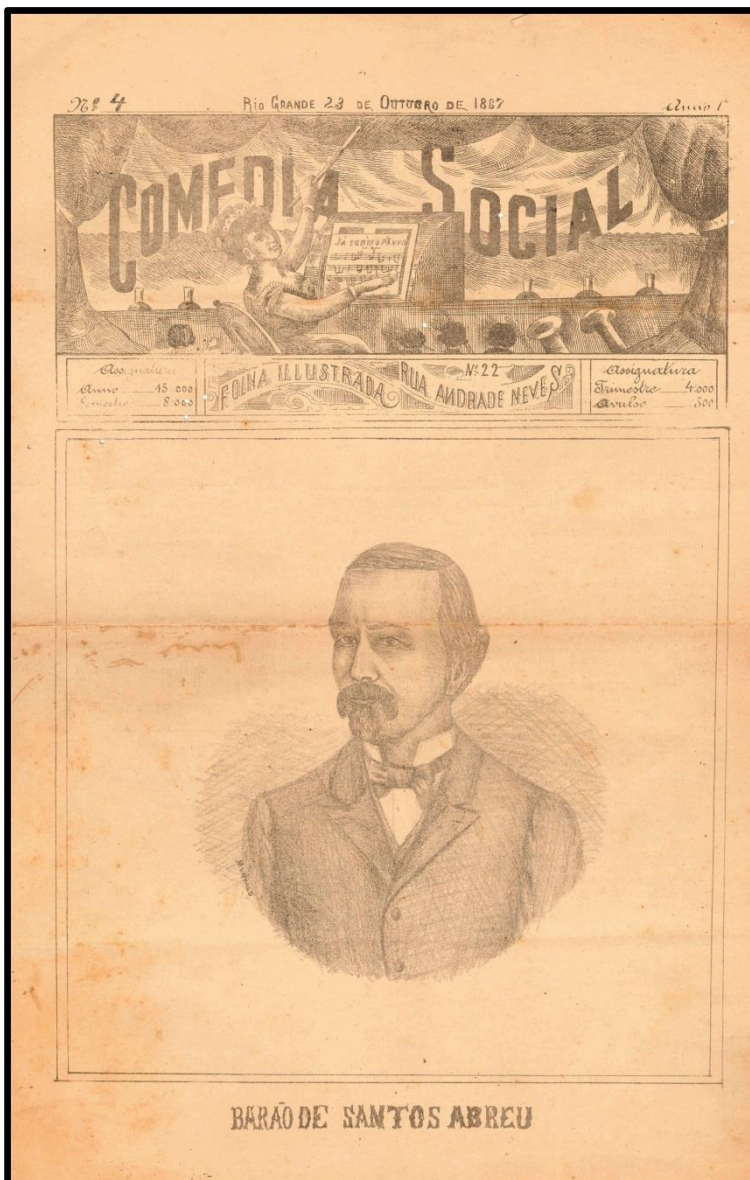
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



O tom laudativo voltava a ser a inspiração de mais uma página de honra da *Comédia Social*, com a homenagem direcionada ao Barão de Santos Abreu, cujo retrato ornava a capa do periódico. A respeito da personalidade, a folha dizia que era “com verdadeiro prazer que a *Comédia Social*” aliava-se “aos que, fazendo justiça ao mérito, rendem preitos de admiração ao tão ilustre quão filantrópico médico pelotense Dr. Antônio Francisco dos Santos Abreu”. Ele era considerado como “cavalheiro distintíssimo, não só pela ilustração como pelo seu trato amável e delicado”, de modo que teria “conseguido angariar em todas as classes um sem número de simpatias”. A folha dizia ainda que, “como médico, o seu zelo e carinho, a sua solicitude para com os enfermos tornaram-no recomendável e querido”, além do que, “a Beneficência Portuguesa” pelotense devia-lhe “inúmeros serviços, pois que, no decurso de trinta anos”, em que serviu como médico “daquela pia instituição, jamais quis receber retribuição alguma pecuniária”. Mantendo o caráterlouvaminheiro, o semanário afirmava que, “ultimamente, o governo português, querendo por alguma forma mostrar o seu reconhecimento ao preclaro cidadão”, veio a distingui-lo “com o título de Barão de Santos Abreu, honra assaz merecida e a qual o popular médico há muito fizera jus”. Ao final, a redação concluía manifestando que, naquela “modesta homenagem”, o médico estaria a receber os seus “protestos de consideração e profundo respeito”²².

²² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887, a. 1, n. 4, p. 1 e 2.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



A sessão caricatural dessa edição inicia pela crítica política, trazendo o ato do fechamento das casas parlamentares e a consequente corrida dos políticos para suas bases eleitorais em busca de legitimação para seus postos. Segundo a folha, “estão fechadas as Câmaras” e “agora, senhores deputados, corram a suas províncias a contar o que fizeram por elas”. Tal frase era atribuída ao chefe de gabinete, “S. Ex. o Sr. Barão de Cotegipe”, que, “ao dizer isso, dá um... espirro”. Os adulares, bastante presentes na vida política brasileira, eram representados por indivíduo com corpo humano e cabeça de pássaro, sempre pronto a transmitir as palavras (e gestos) de seus superiores, de modo que, “o Arara, que recebera o... espirro (por telegrama), apressa-se a soltar os foguetes de costume”. Passando para o contexto local, o periódico lamentava a situação da Santa Casa, instituição de assistência e hospitalar do Rio Grande, cuja administração estaria dominada pela corrupção, representada por uma ave de rapina, insetos e diversos ratos que estariam a infestar o prédio da entidade. Diante disso, a folha ilustrada constata: “Desventura Santa Casa! Reduziram-te a um antro de ratazanas, grilos e aves de rapina!...”. Em tal quadro, um homem chegava a saudar o fato de ter conseguido apanhar ao menos um daqueles ratos em uma armadilha, dizendo: “Oh! Um sempre pilhei!...”. A *Comédia Social* também utilizava o segmento ilustrado para saudar um representante da imprensa local, no caso um jornal vinculado à colônia portuguesa cidadina, mostrando um aperto de mãos, acompanhado da expressão: “Ao *Eco Lusitano* os nossos sinceros e cordiais agradecimentos”. O semanário caricato também reclamava dos serviços ferroviários prestados na cidade, apontando que o

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

mesmo vinha trazendo prejuízos às atividades mercantis, inclusive com a figura de seu administrador, o Dr. Duprat, chegando a apontar um canhão para Mercúrio, divindade clássica que designava o comércio. Nessa linha, o hebdomadário argumentava que, “em todos os países o trem de ferro simboliza o progresso da civilização”, entretanto, “no Rio Grande é ao contrário”, pois “o trem de ferro é o terror do comércio ou o símbolo do tropeço”, o qual era “colocado a gosto do Sr. diretor do mesmo trem, que obriga o comércio a retroceder e desistir de andar a vapor”²³.

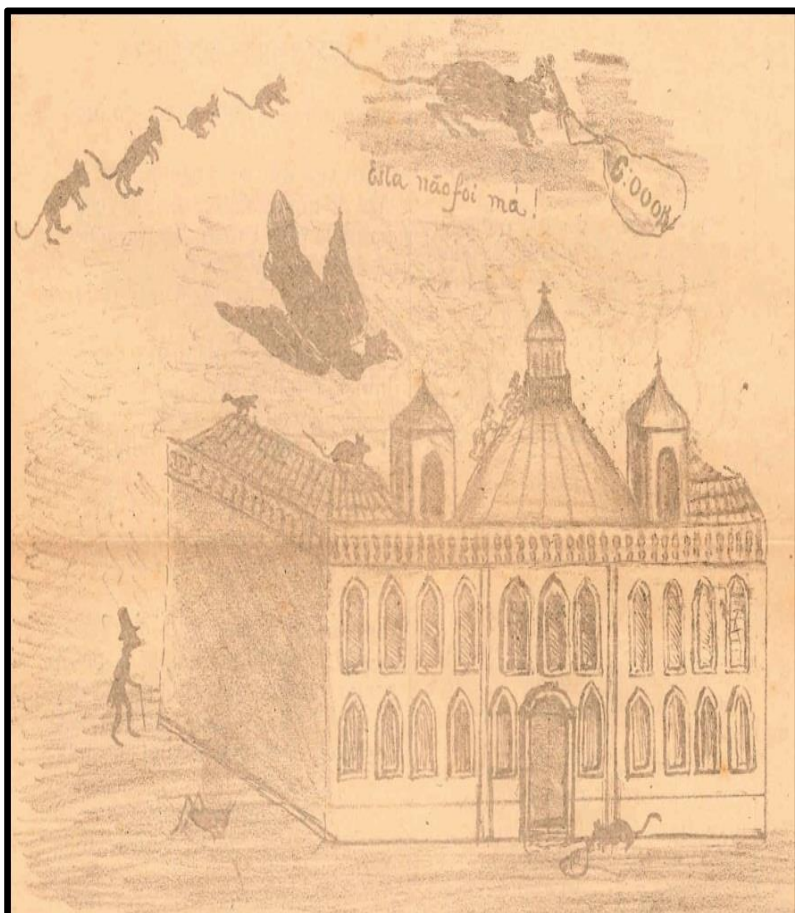


²³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887, a. 1, n. 4, p. 1 e 2.



COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



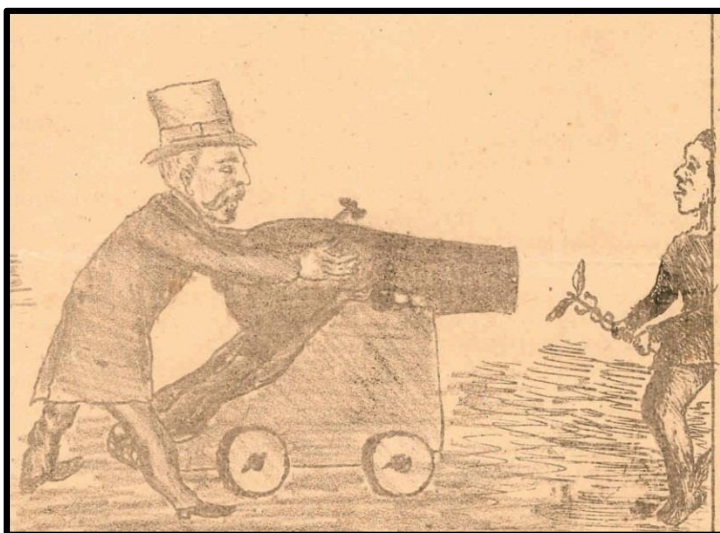
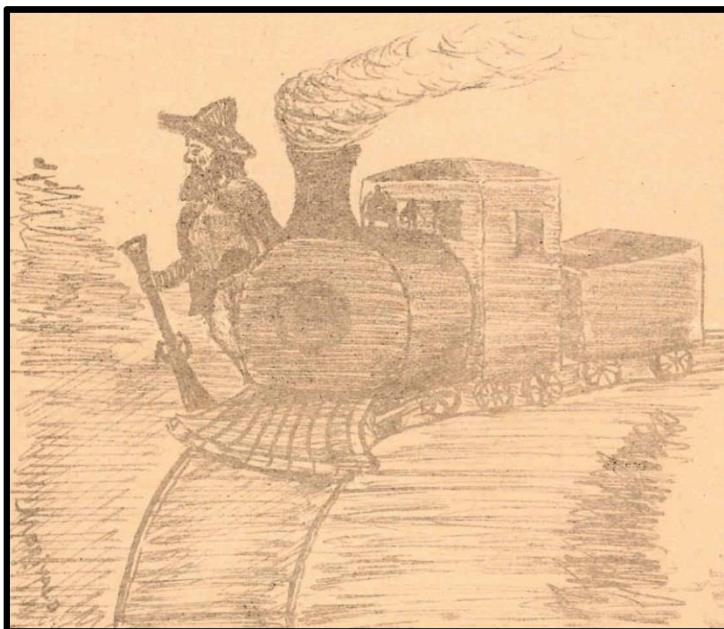


COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





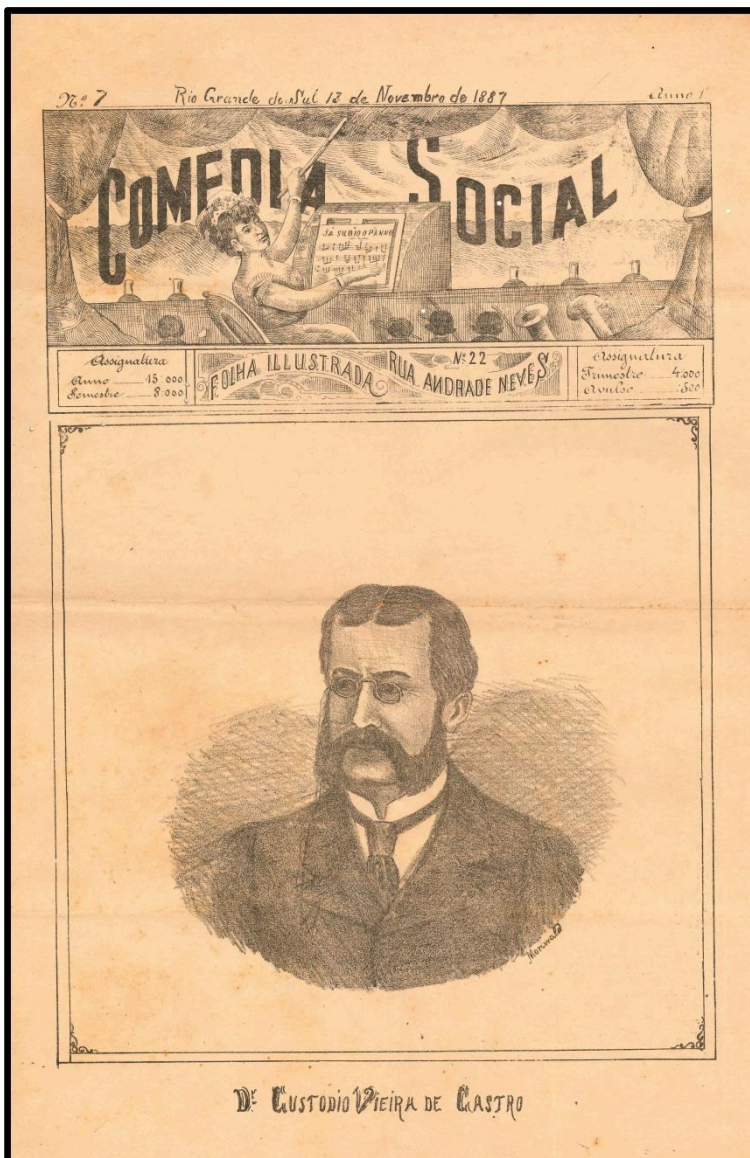
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



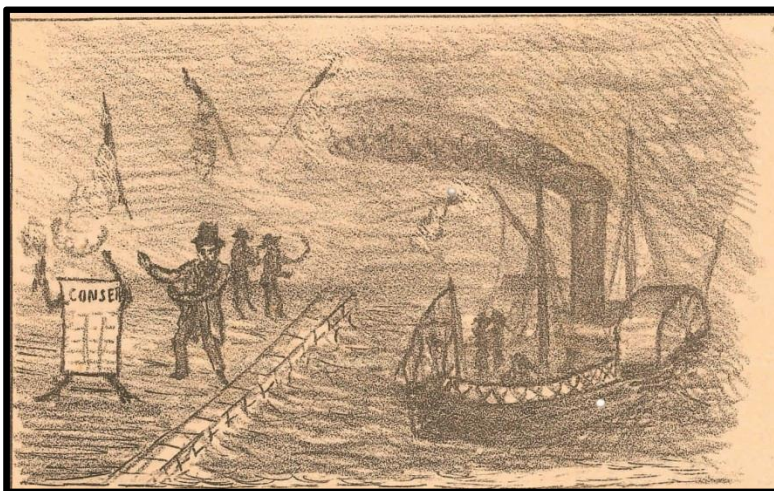
Uma nova página de honra foi dedicada pela *Comédia Social* ao Dr. Custódio Vieira de Castro, acompanhada da informação de que pertencia “a um dos mais distintos membros da classe médica desta cidade, o retrato que hoje jubilosos apresentamos aos nossos favorecedores”. Dizia o periódico que “o Dr. Vieira de Castro, conhecido e considerado por toda a sociedade rio-grandense, é um cavalheiro amável, generoso e em extremo dedicado a seus enfermos”. Especificava ainda que “o seu acurado estudo, os muitos conhecimentos de que dispõe da difícil missão a que se impôs, e finalmente a simpatia de que goza”, teriam feito “com que a sua clientela” fosse “numerosa, sendo o seu consultório visitado diariamente por um ilimitado número de pessoas, que, cheias de crença e fé no preclaro facultativo”, lhe pediam “lenitivo a seus sofrimentos”. O homenageado era considerado, “na convivência íntima, delicado e atencioso” e, “na vida pública, um homem útil à sua pátria”, tendo desempenhado “com zelo inexcedível os mandatos” que lhe foram confiados, tendo “sido exemplar inspetor da higiene do porto, como foi prestimoso vereador na Câmara Municipal”. Citava que ele “ocupou também o honroso cargo de Presidente da florescente Biblioteca Rio-Grandense, onde deu inequívocas provas do seu devotamento à causa das letras e da instrução popular”. A folha concluía que, por falta de “apontamentos biográficos do digno rio-grandense”, parava por ali, ao esperar que o mesmo aceitasse naquelas “pálidas linhas o testemunho sincero da nossa profunda admiração aos seus altos dotes intelectuais e simpatia aos inestimáveis sentimentos de seu magnânimo coração”²⁴.

²⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 13 nov. 1887, a. 1, n. 7, p. 1 e 2.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

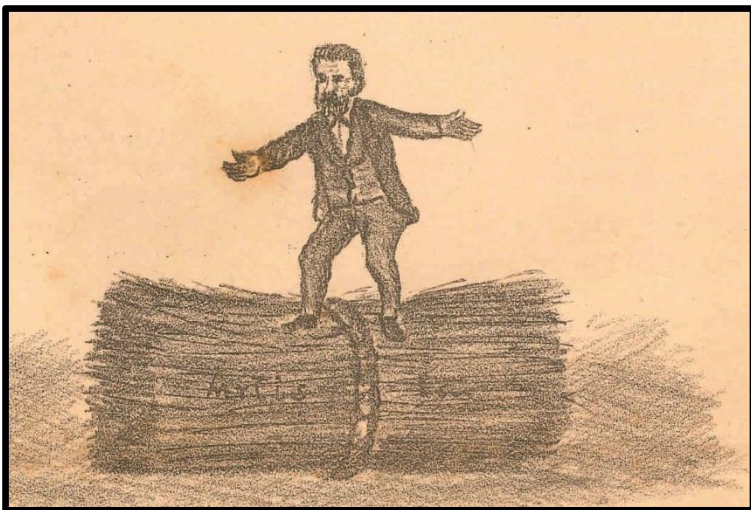


Quanto às caricaturas foi mostrado o afastamento de um servidor público da área de segurança, com comemoração no cais de Porto Alegre, inclusive por parte de uma publicação conservadora, destacando a folha rio-grandina que aquele era o “bota-fora do ex-Chefe de Polícia, segundo *O Conservador* de Porto Alegre”. A presença do delegado por Rio Grande também não seria com boas-vindas, notadamente por parte da redação do *Eco do Sul*, citando o semanário: “Passagem do mesmo cá pelo Rio Grande...”. No contexto citadino, o periódico caricato ridicularizava indivíduo que já aparecera antes, sob o apelido de “Arara”, que estaria a se manifestar contra um projeto colonizador, afirmando: “O Arara sobe à tribuna para protestar sobre a colonização da Quinta”²⁵.

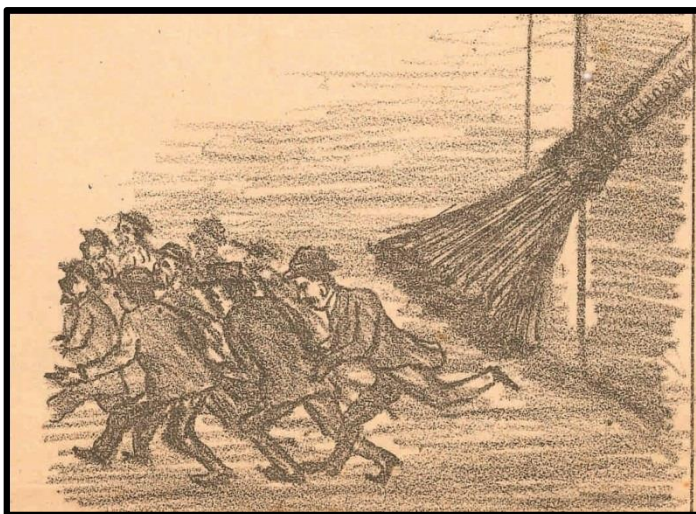


²⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 13 nov. 1887, a. 1, n. 7, p. 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

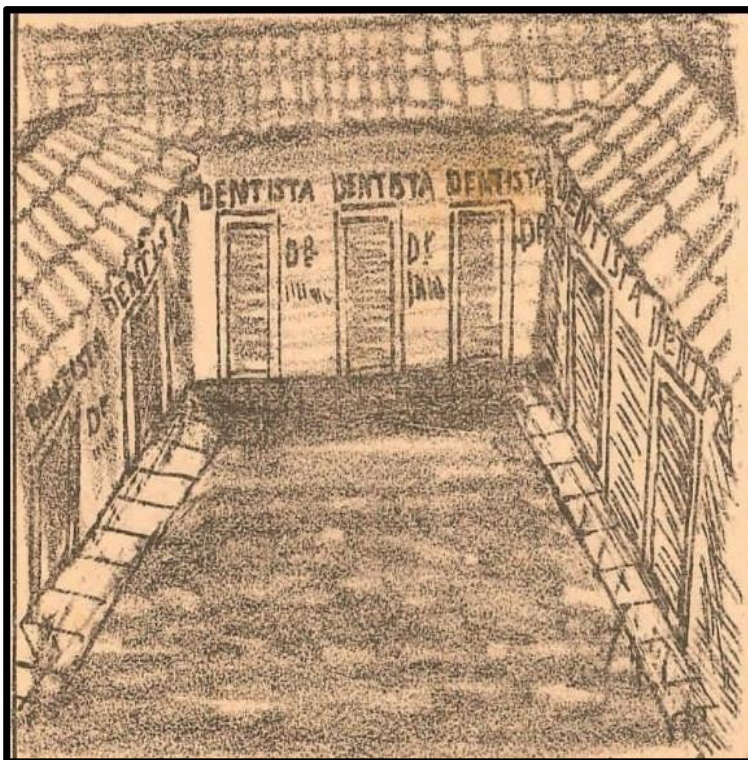


Ainda no âmbito rio-grandino, a folha ilustrada e humorística se referia a uma das questões chaves citadinas de então, referente às obras para ampliar as possibilidades de acesso marítimo pela barra da urbe portuária. Segundo a publicação, havia malfeitos nas verbas destinadas a tais trabalhos, tanto que mostrava cena em que parte dos envolvidos sendo expulsos com a utilização de uma enorme vassoura, seguida da seguinte frase: “A comissão de melhoramentos acaba de melhorar os seus cofres por meio de medidas higiênicas”. A saúde pública também era julgada pelo periódico, com vários consultórios de dentistas fechados, e a constatação de que “o Rio Grande está passando pela crise dentifrícia”²⁶.



²⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 13 nov. 1887, a. 1, n. 7, p. 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



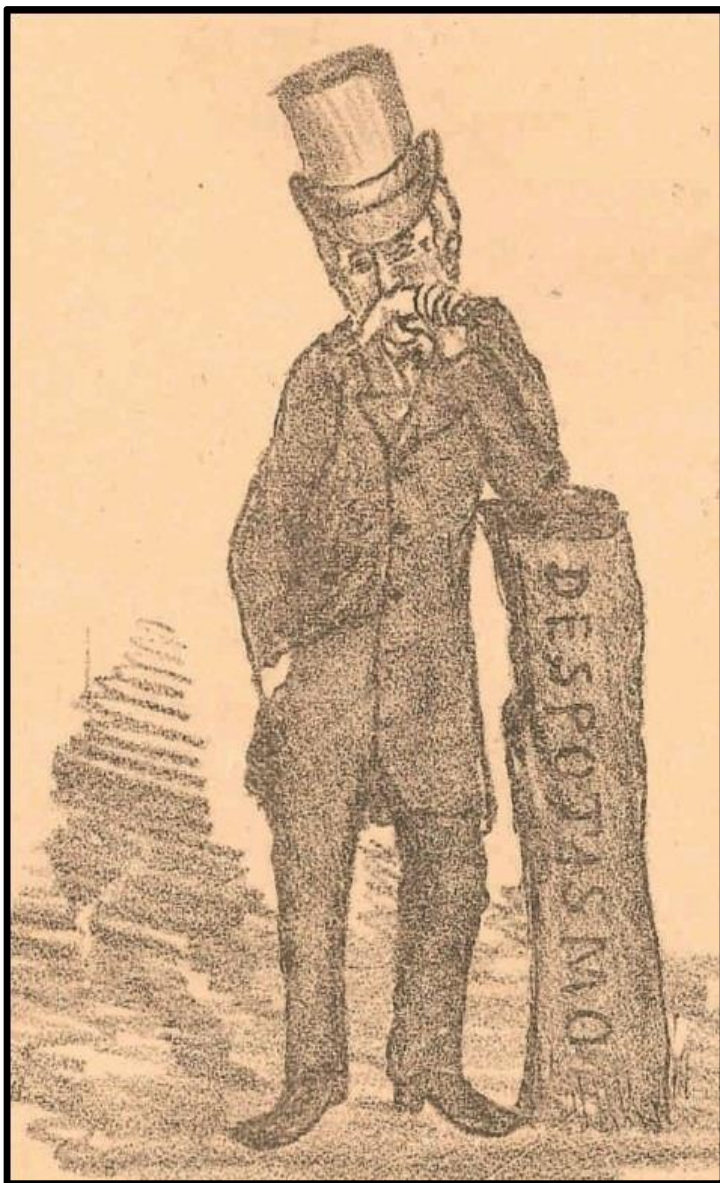
Os debates por meio da imprensa também estiveram em destaque, como um entre os senhores Ulrich e Navarro. Já o Dr. Duprat, arquirrival do periódico, escorado em um toco identificado com o “despotismo”, demonstrava sua insatisfação pelas críticas recebidas de parte da própria *Comédia Social*, afirmando: “Eu que me considerava tão altivo, ver-me enxovalhado por um pigmeu!... É muito arrojo!!”. Também fez parte da pauta caricatural, um ataque policial às oficinas de um jornal da região fronteiriça. De acordo com o semanário, “a tipografia do *Diário de Bagé*

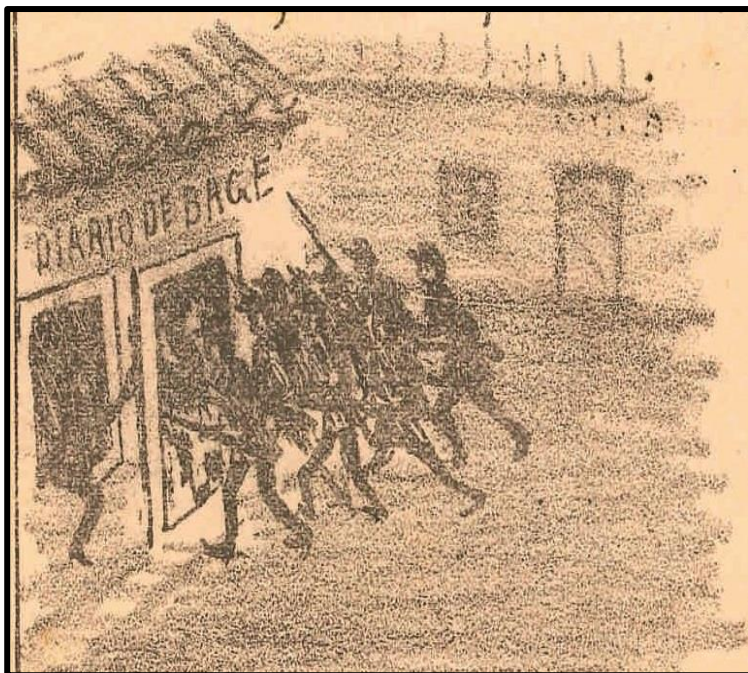
acaba de ser assaltada pelas praças do Batalhão 12^o". Em seguida, a folha estampava pontos de exclamação, interrogação e reticências para chamar atenção acerca da responsabilidade do ato repressivo, o qual teria ocorrido "a mando do comandante do dito batalhão". Diante do ocorrido, a dama/comédia, representando o corpo redacional, se mostrava insegura, colocando uma tranca na abertura do escritório, buscando evitar ter o mesmo destino e declarando "em vista do que aconteceu ao colega de Bagé, tratemos nós de..."²⁷.



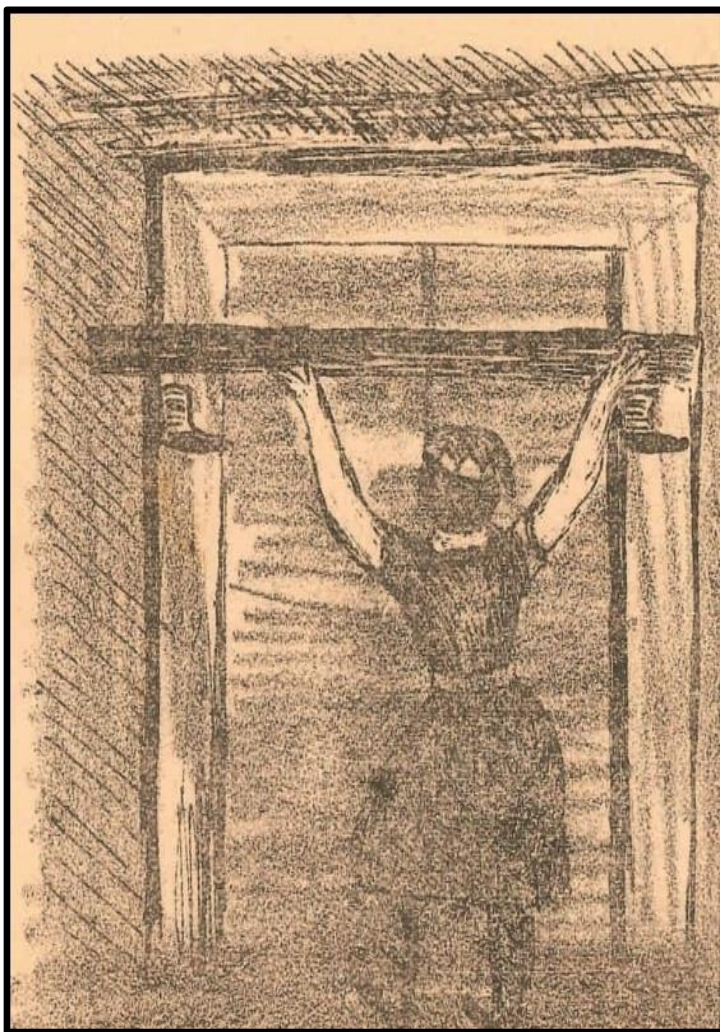
²⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 13 nov. 1887, a. 1, n. 7, p. 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





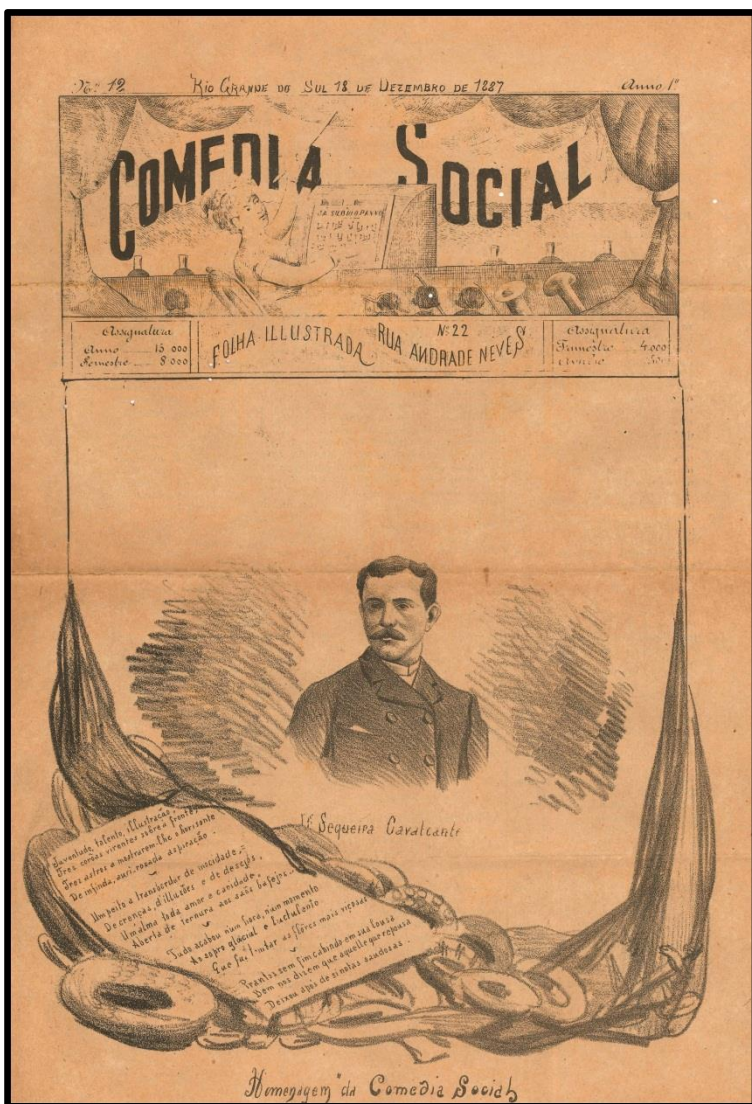
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



O enaltecimento de outra página de honra da *Comédia Social* foi dedicado a Siqueira Cavalcanti, cuja efígie era acompanhada de um soneto e de várias coroas de louros, em sinal de preito em relação ao personagem saudado. Tratava-se de uma despedida, pois, conforme declarava a redação, “contristou-nos deveras a notícia da remoção do integérrimo magistrado da comarca, cujo nome nos serve de epígrafe”. Dizia a folha que “o Dr. Cavalcanti ocupou com exemplar zelo e solicitude o cargo de promotor público no Rio Grande, tornando-se superior a todo o elogio”, além do que, “de um caráter são, de uma reputação impoluta, nunca transigiu nos misteres do seu alto cargo, de forma a merecer uma censura”. Explicava que “motivos imprevistos e que nada depõem em seu desabono, operaram em sentido de ele ser removido para outra localidade”, de modo que “o Dr. Siqueira Cavalcanti, possuído de um orgulho justíssimo, desistiu do cargo, a despeito de todas as conveniências, e está atualmente ornamentando e enobrecendo o nosso foro”. Ao encerrar, a *Comédia Social* apresentava “as suas felicitações a tão distinto cavalheiro, pela carreira que acaba de encetar, augurando-lhe um sem número de felicidades futuras”²⁸.

²⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 13 nov. 1887, a. 1, n. 7, p. 2.; e 18 dez. 1887, a. 1, n. 12, p. 1.

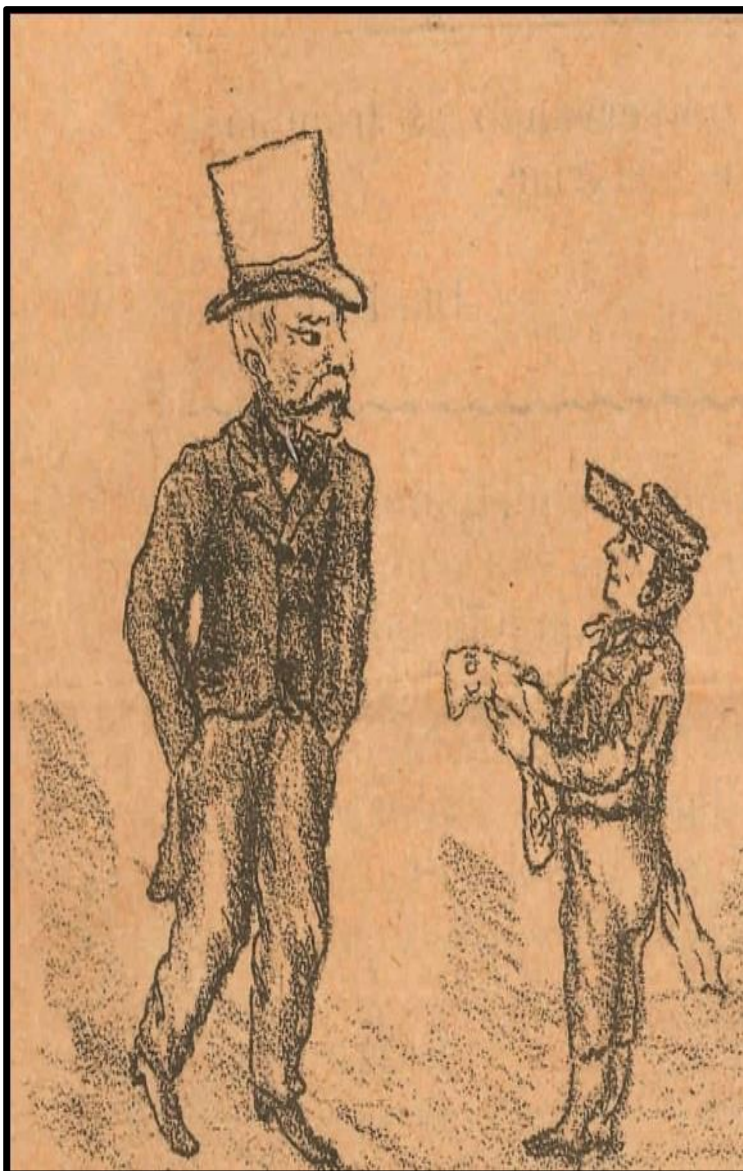
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

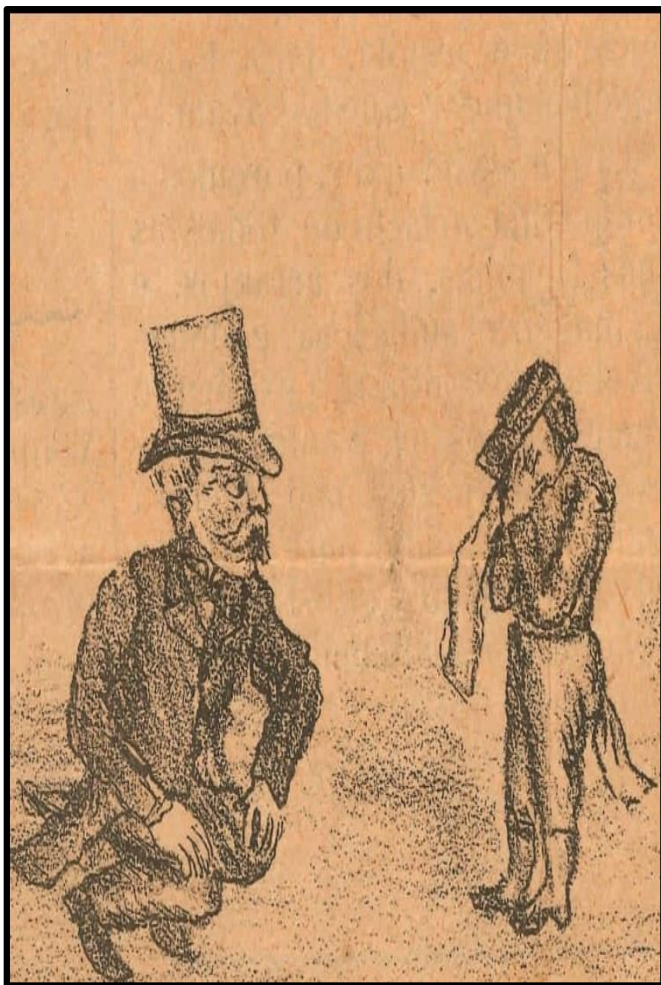


Duprat, que na edição anterior já havia reclamado da *Comédia Social*, voltava a aparecer, dessa vez conversando com um rapaz que representava a redação da folha, o qual constatava que o outro poderia ser “apreciador” do semanário, sendo também seu “assinante, contribuindo para o seu sustento”, para em seguida receber um chute nos fundilhos, xingado de “píncaro” e, figurativamente, colocado “imediatamente no olho da rua”. Um segmento do conjunto caricatural intitulava-se “Feitiçarias”, com a presença de uma cartomante que tentava enganar a cliente que perdera o marido, dizendo a ela que se concentrasse em uma carta, que, “em pouco” saberia “de tudo”. Já um “Preto Velho” desacreditava aquela adivinha, dizendo ter ele a solução para a viúva. Na mesma linha, era ressaltado que “a preta Marta, feitiçeira, continua a preparar drogas para desmanchar *falta de apetite*”. Em relação à cidade vizinha de São José do Norte, o hebdomadário anunciava a chegada de um juiz que pleiteava a sua “absolvição”, junto a um grupo de desembargadores, e de um advogado que fora malsucedido na tentativa de decretação de falência de uma firma, sendo ambos profissionais associados à burrice. Ao final, jocosamente, a folha questionava aqueles que diziam que a “Heroica Vila não progride”, tanto que já possuía até “dentistas femininas que tiram dentes sem dor”²⁹.

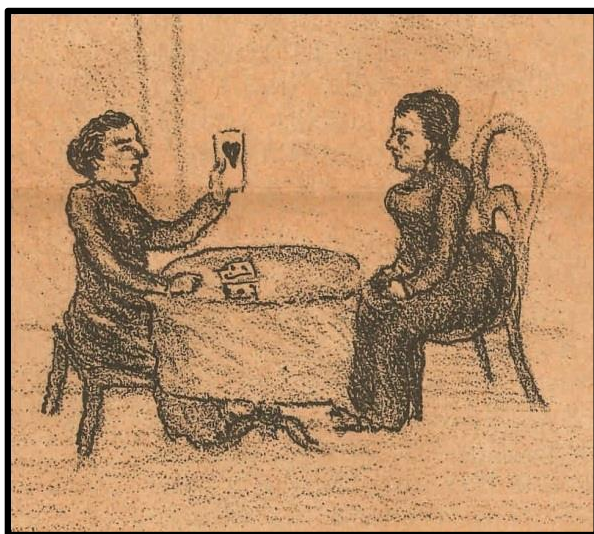
²⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887, a. 1, n. 12, p. 4.

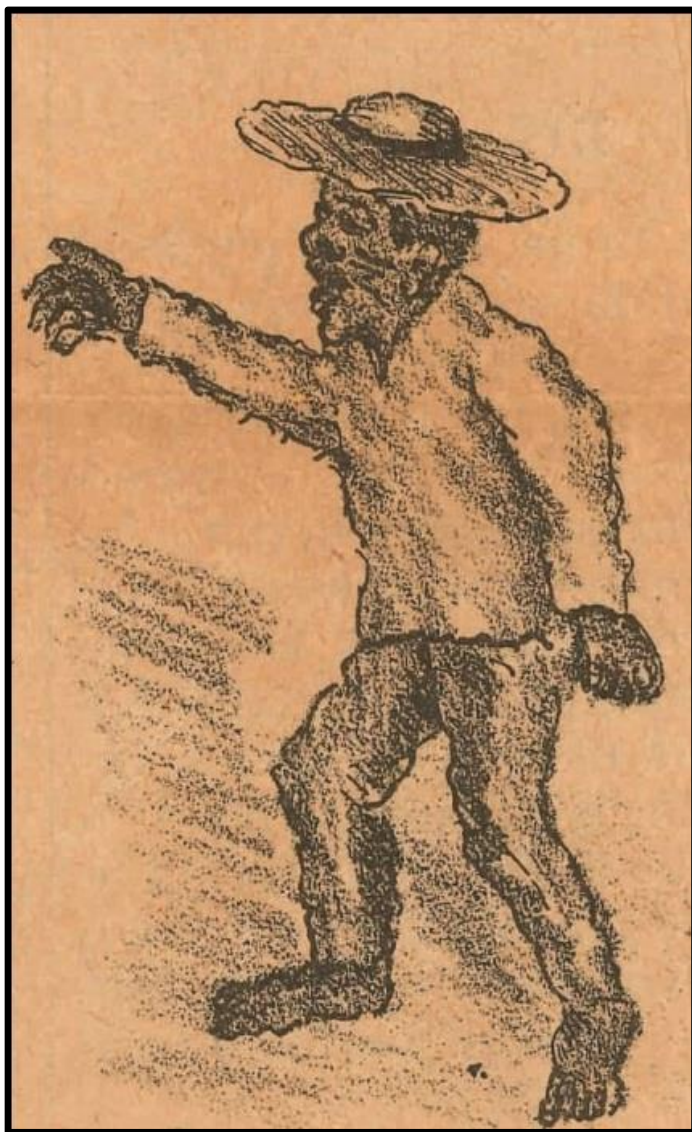
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

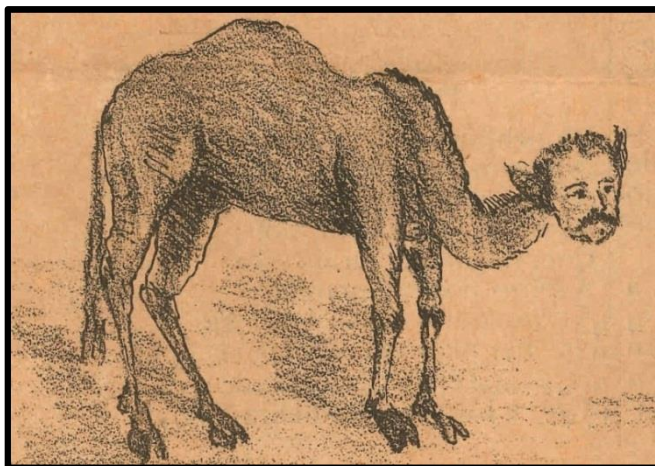




COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

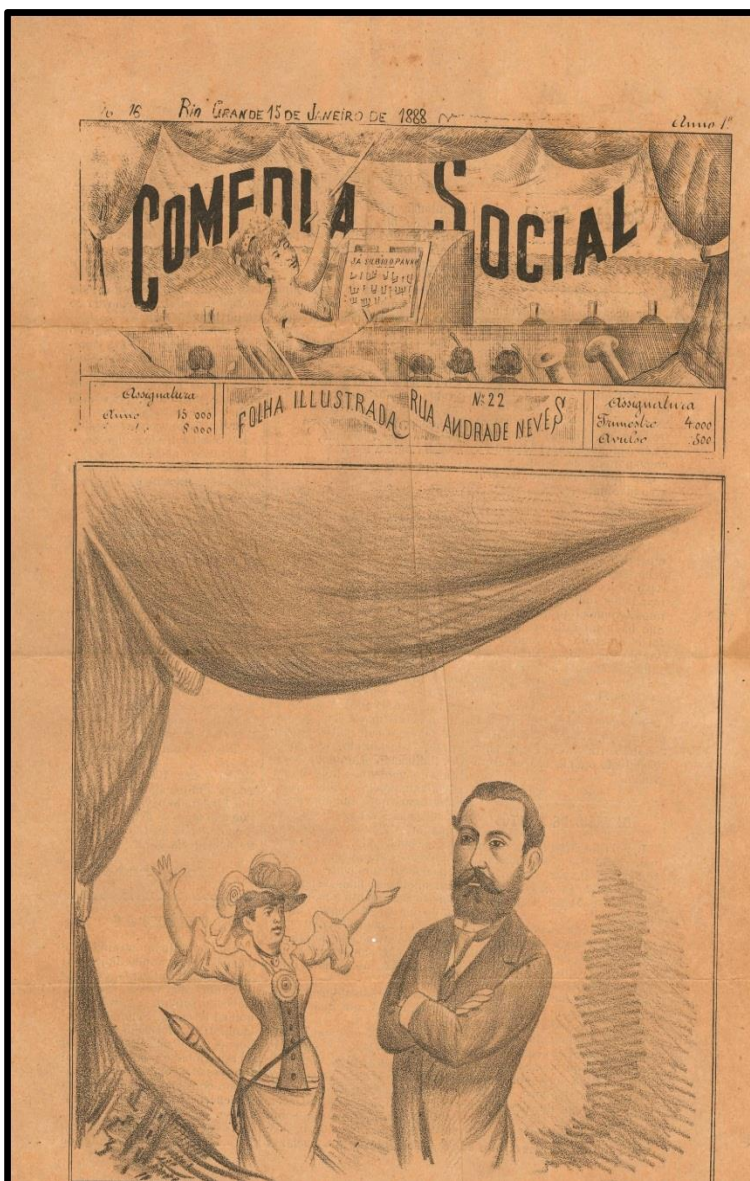


A última edição da *Comédia Social*, como “folha ilustrada”, trazia mais uma vez a dama/comédia que, cheia de arrebatamento, saudava a um escritor público pela forma crítica com a qual combatera as forças governamentais sul-rio-grandenses. Nesse sentido, ela dizia: “Abre os braços Sequeira, quero manifestar o meu justo contentamento” e “entusiasmo pelo triunfo que obtivestes ao Governo Provincial”. Na parte caricatural, a publicação voltava-se às disputas entre os jornais locais, no caso o redator do *Diário do Rio Grande*, que era desenhado recebendo o impacto das fustigadas impostas de parte do *Eco do Sul*, chegando a perder o chapéu e um exemplar do periódico que redigia, aparecendo a constatação: “Que choque para o Androides, ao receber aquelas vergalhadas do *Eco*”. Em seguida, o jornalista era metamorfoseado, parte em modelo antropomórfico e outra em zoomórfico, ou seja, corpo e membros de homem, e cabeça de burro, com toda a conotação negativa que tal representação traz consigo, de modo que o semanário afirmava ironicamente: “Um redator sisudo, honesto, circunspecto, assim publicamente enxovalhado...”. O personagem em pauta era acusado de uma das piores desqualificações que poderia se atribuir a alguém da sua profissão, ou seja, de que estaria vendendo a sua pena e, ainda assim, por muito pouco, de maneira que o mesmo assumia de vez o formato do mamífero quadrúpede, recebendo da Câmara Municipal uma recompensa, aparecendo a acusação de que tudo ocorrera “simplesmente por causa de um celamim de milho, que nem sequer lhe matou a fome!...”. Ao final da historieta imagética, o jornalista/burro era enforcado, como se tivesse tirado a própria vida, por não ter conseguido conviver com o seu suposto malfeito,

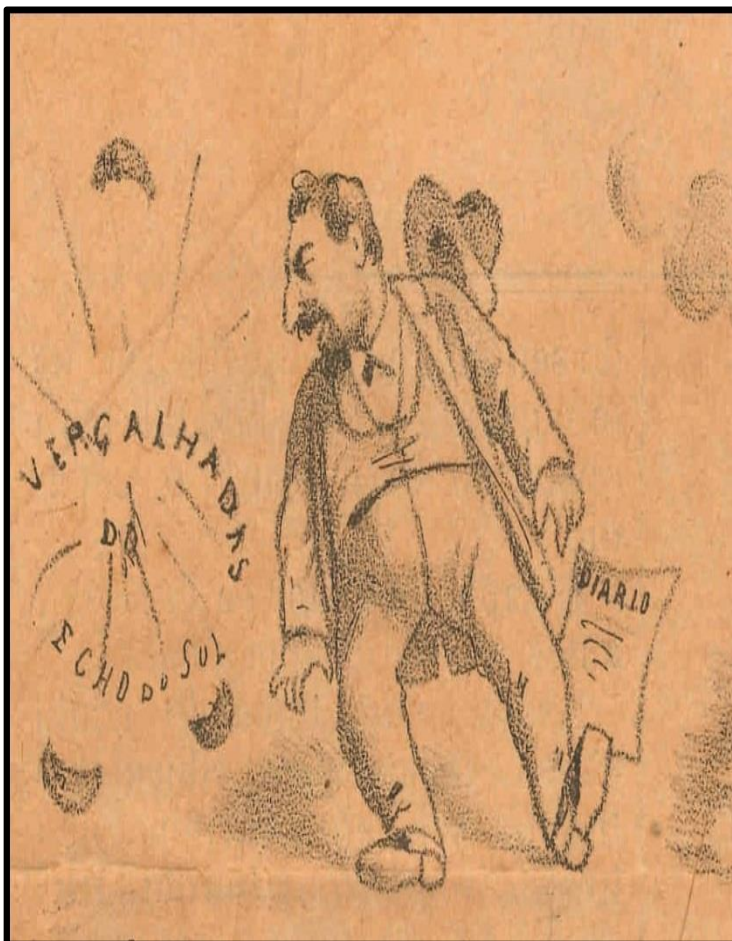
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

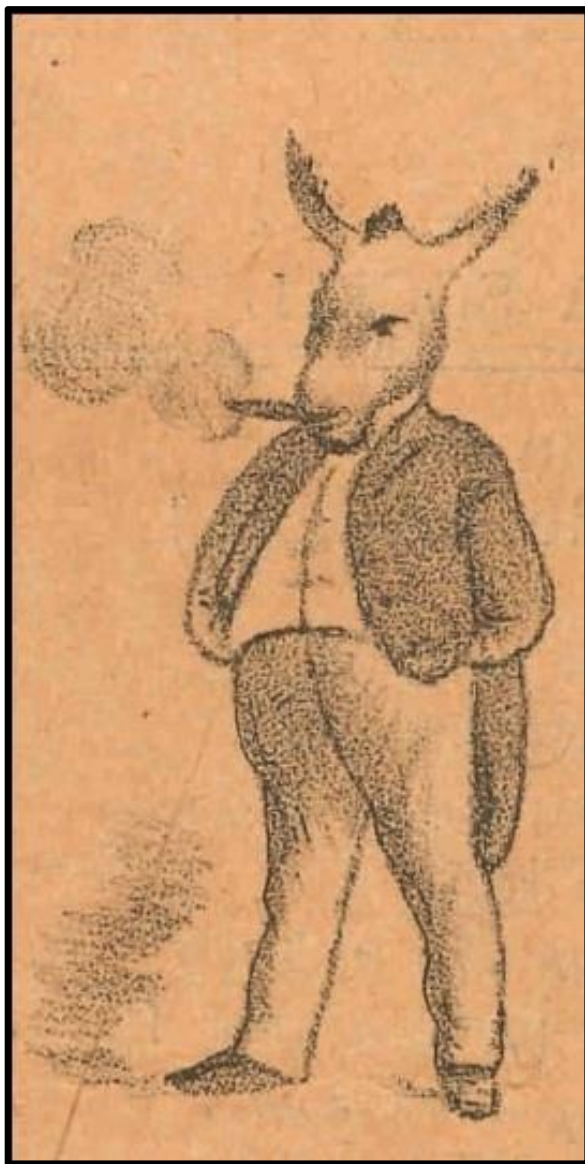
mormente por tratar-se do escritor que servia ao “decano”, ou seja ao jornal citadino mais antigo, de maneira, que, como mensagem suicida ficava a seguinte: “Nada, vou por termo à minha atribulada existência... Deus me perdoe e os credores também. Adeus decano!...”³⁰.

³⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jan. 1888, a. 1, n. 16, p. 1 e 4.

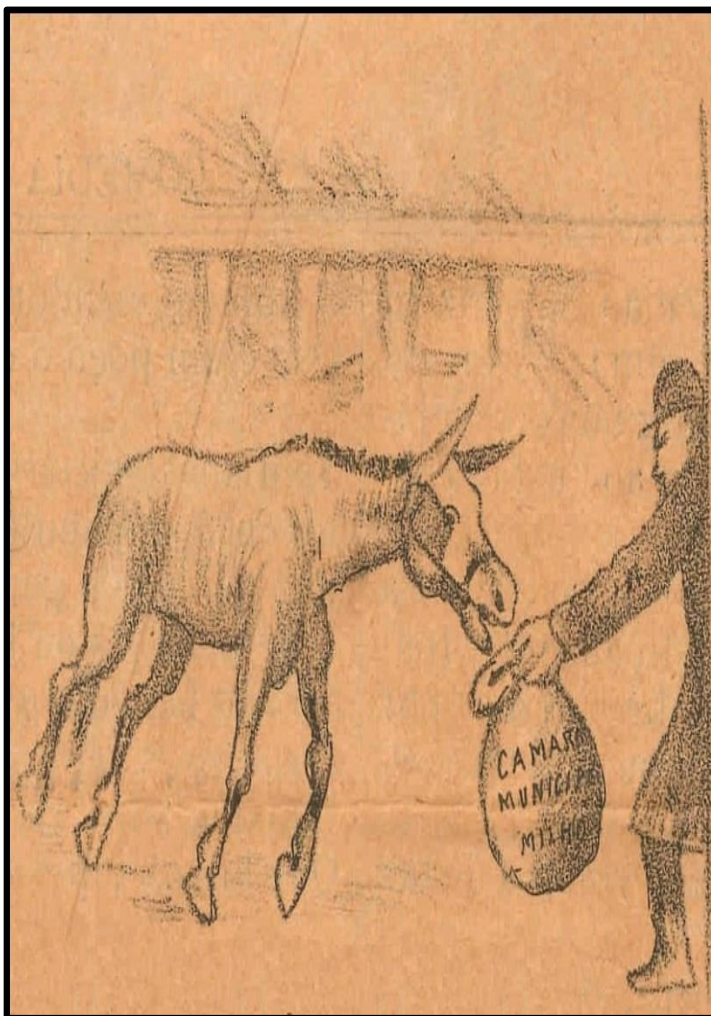


COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





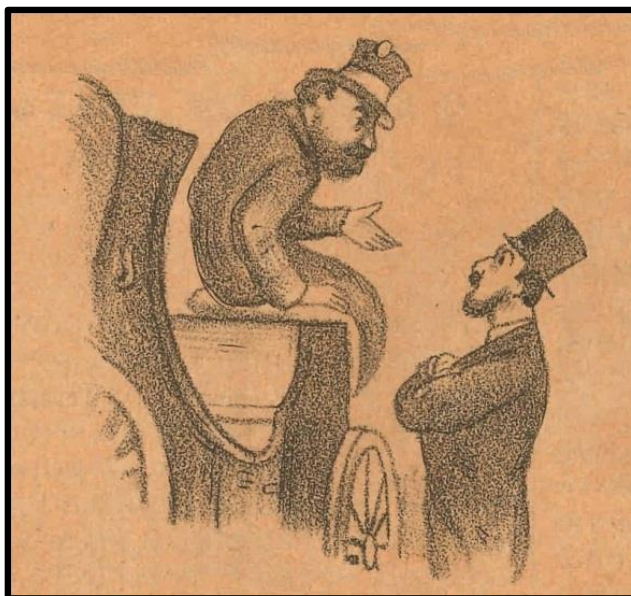
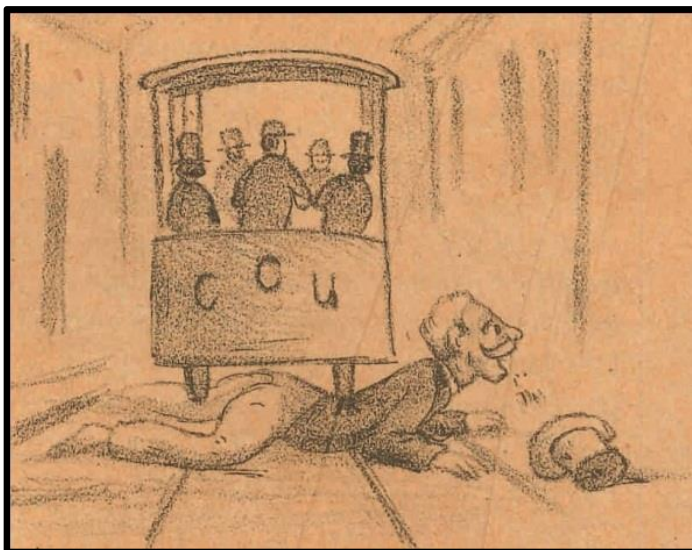
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



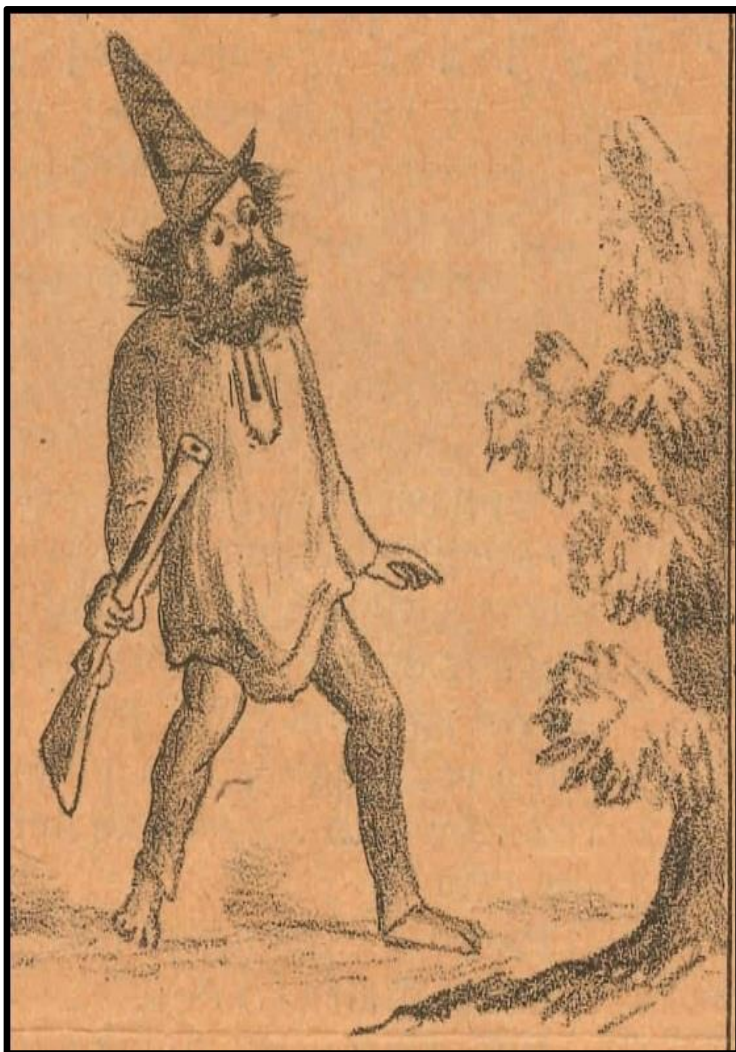


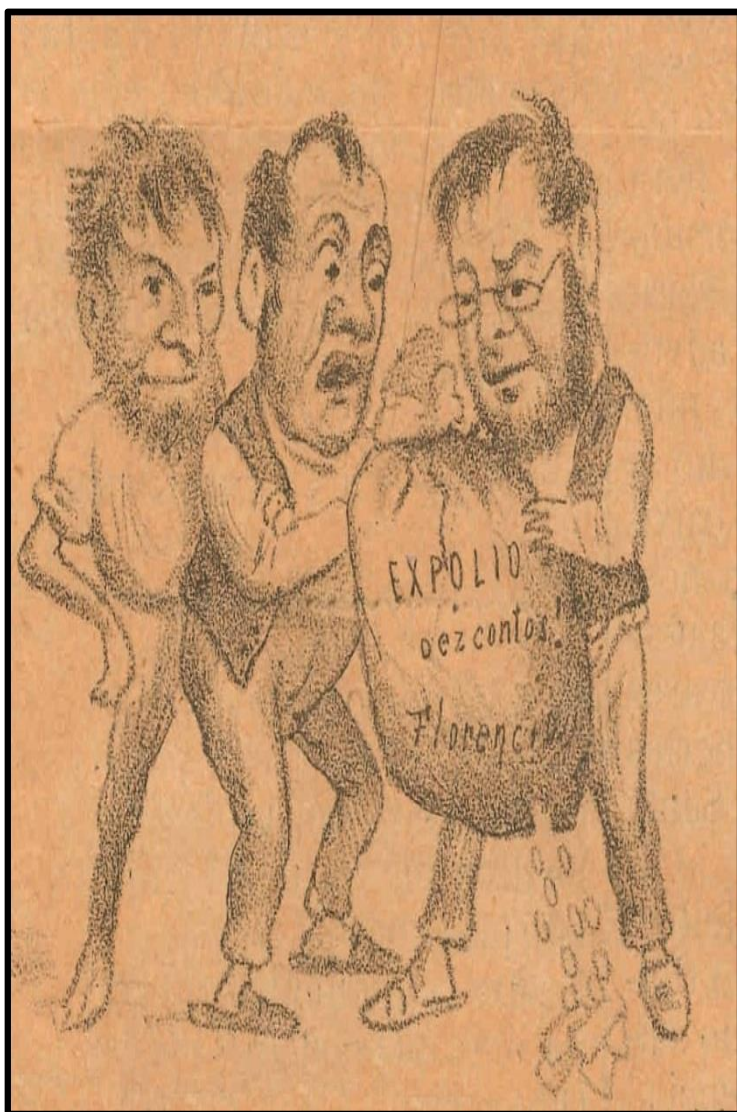
COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

As construções caricaturais apresentavam ainda uma denúncia contra a prestadora dos serviços de condução urbana, mostrando um carro de transporte coletivo que passara e deixara para trás um homem atropelado, em gravura acompanhada pela frase: “A companhia dos bondes triunfa, deixando-me esmigalhado como um vil energúmeno”. Ainda levando em conta o tema dos transportes, dois indivíduos conversavam a respeito das dificuldades em torno do serviço de diligências, ao passo que um deles dizia: “Então amigo Costa, voltastes a vergar *a libre* de lacaio”; ao que o condutor da carruagem respondia: “Que quer, os negócios estão ruins e preciso ganhar a vida”. Tal ilustração cômica era complementada pela figura de um ladrão armado, que confirmava as tais dificuldades para “ganhar a vida”, até mesmo para os malfeitores, tanto que ele declarava: “Há tempo, tempo!... hoje, nem com o bacamarte!...”. A desonestidade era o tema de outra caricatura, na qual dois indivíduos dividiam cobiçosamente um saco de dinheiro, com um deles buscando levar vantagem em relação ao outro: “Santiago e Garoto dividindo entre si o espólio do Florêncio. – Vamos dividir com igualdade e honestidade!... que dois tratantes...”.



COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

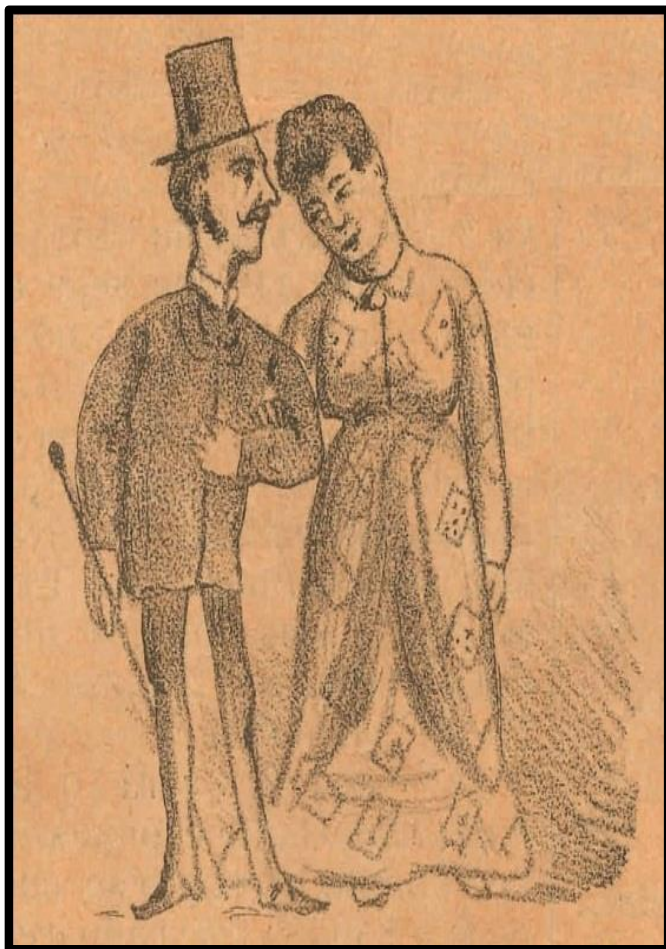




COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

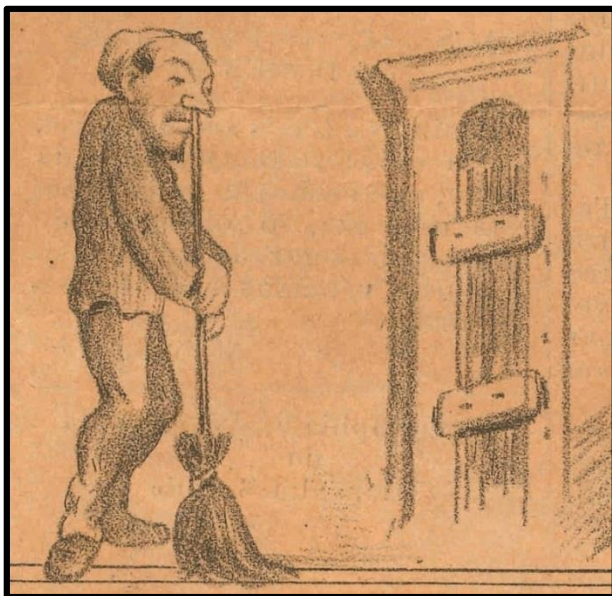
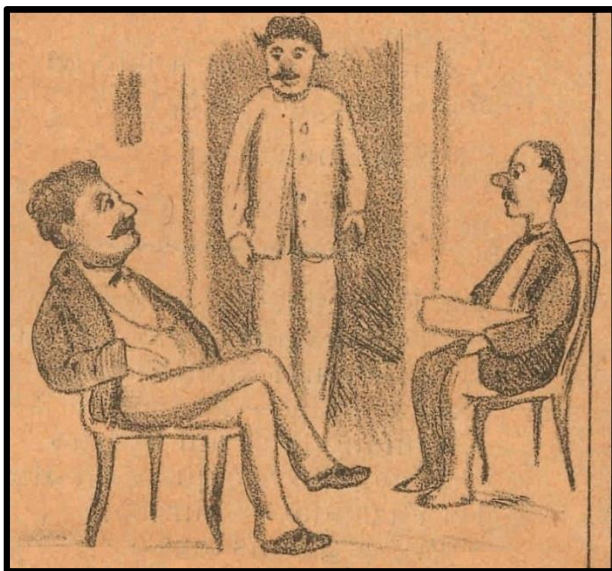
Na continuidade, a temática permanecia em torno da vigarice, referindo-se a um casal cujas ações se voltavam a enganar as pessoas, ela, uma cartomante, ele, autor de malfeitos, cuja ocupação não ficava revelada. Nesse contexto, ela perguntava: “Agostinho, tens feito bom negócio?”, ao que ele respondia com outra pergunta: “E tu cartomante Amália?”. Diante das incertezas, a mulher afirmava: “Nada, estou resolvida a retirar-me antes que a polícia embirre com a minha honesta profissão”. Indo na mesma direção, o homem concluía: “Sou da mesma opinião e é o que vou tratar de fazer”. O sentido não era muito diferente no diálogo entre dois indivíduos que se referiam ao “estado da caixa” da entidade que dirigiam, afirmando um deles que a mesma se encontrava “exausta”, tendo em vista “o pagamento dos óbolos”, ficando a dúvida se estavam tratando efetivamente de donativos, ou de desvio de verbas, tanto que a conclusão de ambos era de que nada poderiam resolver. O recorrente “Arara” voltava a participar da cena caricatural, desta vez dizendo que perdera o seu emprego de redator do *Artista*, de modo que buscava ver se conseguia obter um cargo no serviço público, ou seja, “ser varredor municipal”, denotando uma suposta pouca capacidade para a função que exercera até então. Um homem carregando uma palmatória de tamanho desproporcional anunciava que, “na cadeia”, aquele seria “o castigo aos pobres escravos presos”. A violência contra os jornalistas era o assunto do último desenho, que trazia por descrição: “Em Pelotas, foi covardemente espancado o Sr. Dias, redator do *Correio Mercantil*”, em um quadro pelo qual, “devido

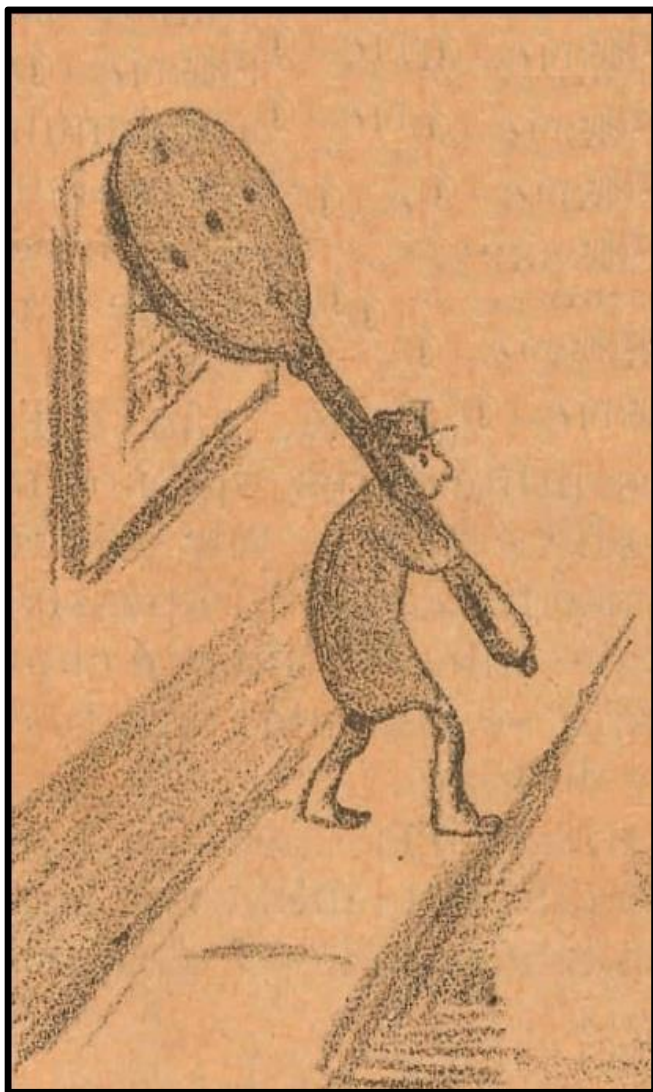
às boas pernas, únicas armas que levava consigo, pode escapar à ferocidade do seu agressor”³¹.



³¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jan. 1888, a. 1, n. 16, p. 1 e 4.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE





COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE



Por meio de suas representações imagéticas, a *Comédia Social* levou a arte caricatural à comunidade rio-grandina, evitando uma ausência ainda maior desse tipo de manifestação na urbe portuária. Sua composição gráfica e o refinamento de seus desenhos não chegaram a atingir a qualidade litográfica de seus congêneres da mesma cidade, como o caso de seu antepassado *O Diabrete* e de seu sucessor *O Bisturi*, mas, ainda assim, o estilo crítico-opinativo, o humor e a ironia não deixaram de se fazer presentes em suas páginas, mantendo-se a seiva editorial de tal gênero jornalístico. Executando a contento a crítica social, a política e a de costumes, além de praticar o papel moralizador que os periódicos

caricatos atribuíam a si mesmos, buscando denunciar as mazelas que afetavam a sociedade, tal semanário chegou a abordar temáticas nacionais e provinciais, mas foram os assuntos citadinos os que mais lhe interessaram. Ao lado dos desenhos jocosos, cáusticos e irreverentes, foram também publicados, como era também tradição desse tipo de ilustrado, os retratos encomiásticos, visando a saudar determinadas personalidades. Assim, ainda que a sua fase de “folha ilustrada” não tenha durado muito no cronológico, a dama/comédia que simbolizou o hebdomadário conseguiu manter acesa a chama da arte litográfica e caricatural na cidade do Rio Grande.

O conteúdo textual: breve abordagem de matérias redacionais

Nas edições remanescentes da fase de “folha ilustrada” pela qual passou a *Comédia Social*, o semanário trouxe conteúdo textual a respeito de temáticas variadas, e, dentre elas, foram publicadas aquelas em que a redação trouxe informações/opiniões sobre a existência do próprio periódico, em abordagens como o seu norte editorial, os caminhos traçados, os alcances obtidos e as dificuldades na execução de sua jornada. A primeira incursão em tais expressões redacionais ocorreu na edição original da publicação, na qual ficava demarcado o seu conteúdo programático, colocando em destaque uma certa simplicidade editorial, a prática de uma crítica mais comedida, a busca por evitar as tendências próximas à pasquinagem, a garantia de que não teria filiações político-partidárias, a inserção de iconografias e matérias encomiásticas, além de finalmente manifestar sua confiança em seu público leitor:

Despida de sedutoras e espirituosas
roupagens, aparece hoje perante o público, a
nossa *Comédia Social*.

Pelo título, vê-se claramente a natureza
do nosso recém-nascido hebdomadário, que,
apesar de crítico, será decente e terá sempre em
vista a energia sem paixão e a justiça dos fatos.

Será para nós inviolável o lar da família, considerando também a moralidade da imprensa, e o nenhum desejo que temos de ser contados no número dos pornográficos.

Não temos política, mas não deixaremos de analisar todos os seus acontecimentos e manifestações.

Estabelecemos a primeira página como de honra, para nela estamparmos os retratos dos nossos homens mais eminentes, seja qual for a categoria, desde que dessa distinção se tornem credores.

Somos bastante orgulhos, para que se não pense, que vai nisto, bajulação ou lisonja; unicamente faremos justiça ao mérito – à virtude.

Confiamos, pois, na proteção do ilustrado público.³²

O primeiro “anúncio” publicado pela *Comédia Social* referia-se à sua própria prestação de serviços tipográficos e litográficos. Além disso, na primeira edição foi editado também um “aviso”, revelando que o semanário lançava mão de uma estratégia de vendas muito comum à época, ou seja, a distribuição antecipada de exemplares, de modo que, aqueles que não se manifestassem, passariam a integrar automaticamente o grupo de favorecedores da publicação, ou seja, tornavam-se assinantes. Tal técnica poderia não ser das mais eficientes, mas, ao menos garantia uma ou outra assinatura de parte daqueles que não se pronunciavam. Nesse sentido, o hebdomadário avisava “a todas as pessoas a quem for entregue a *Comédia Social*, caso não

³² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887, a. 1, n. 1, p. 2.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

queiram assiná-la, rogamos o obséquio de se dirigirem ao escritório da redação, até terça-feira”, bem como solicitava que não fossem usadas “as margens do jornal com endereços”³³.

A utilização de versos foi uma das características marcantes da *Comédia Social*, até mesmo por causa da presença do poeta Pinto Monteiro como o responsável pela publicação. Nesse sentido, os poemas apareceram em variadas situações, como em matérias editoriais poéticas, a crítica social e de costumes em poesia, as pasquinadas em versos, algumas liras de emoções e até mesmo com a edição de anúncios versificados³⁴. Em uma dessas inserções poéticas, aparecia a personalização de um dos integrantes da redação, que, seguindo as ordens do “patrão”, demarcava algumas das características da folha ilustrada e humorística:

Quer o patrão cá da casa
Que eu também empunhe a pena,
Que ponha o cérebro em brasa
Quer o patrão cá da casa;
Eu ando arrastando a asa
Numa paixão tão serena,
Quer o patrão cá da casa
Que eu também empunhe e pena.

Vamos lá, tento na bola
Suba o pano e venha a cena

³³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887, a. 1, n. 1, p. 3.

³⁴ GEPIAK, Luciana Coutinho. *Liras satíricas: o texto poético nas páginas da Comédia Social (Rio Grande, 1887-1888)*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2017.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O turbilhão que ora rola,
Vamos lá, tento na bola!
Todos pedem como esmola
– Não nos fira, tenha pena;
Vamos lá tento na bola,
Suba o pano e venha a cena.

Este rouba da pobreza
Tem uma alma danada,
Aquele vive em riqueza,
Este rouba da pobreza,
O outro fez tal vileza
Que merece ser contada,
Este rouba da pobreza
Tem uma alma danada.

Eia, pois, começa o drama
Vamos tudo relatar,
A consciência é que clama,
No domingo é que a derrama
Vai ser mesmo de espantar!
Eia, pois, começa o drama
Vamos tudo relatar.³⁵

No segmento denominado “Apanhados”, a publicação caricata rio-grandina se referia à recepção por parte dos demais integrantes da imprensa citadina. Nessa linha, agradecia “a todas as ilustradas redações que se dignaram acolher-nos com benévolas palavras de animação”. Já ficava também demarcado um certo antagonismo para com um dos jornais rio-grandinos, ao declarar que, “ao *Diário do Rio Grande* já esperávamos ‘uma qualquer coisa’, de modo que, “dizer-se que o

³⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887, a. 1, n. 2, p. 3.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

nosso jornal é de ‘quatro páginas’, não é pouco, para quem não sabe dizer mais”, havendo no mesmo “notícias falquejadas a enxó”. No que tange à estratégia de vendas empregada, a redação comunicava “aos que devolveram a *Comédia Social*, cá recebemos, não havia pressa”, mas, ainda assim, reclamava ao constatar que “nem com o aviso que fizemos, alguns dos senhores deixaram de inutilizar as margens do jornal”³⁶.

A busca por trazer um produto melhor aos seus consumidores e os obstáculos enfrentados por aquele representante da pequena imprensa, foram aspectos ressaltados pela *Comédia Social* em coluna redigida “Aos nossos leitores”:

Não foi sem verdadeiras dificuldades que tentamos a publicação da *Comédia Social*; e somos agora obrigados a sustentá-la nunca menos de um ano, em conformidade com o nosso contrato. Estamos certos que essas dificuldades, com esforço de vontade e alguns sacrifícios, desaparecerão logo que esteja estabelecida toda a regularidade, não só nos trabalhos de litografia para o que aguardamos material apropriado, a fim de melhor satisfazermos aos nossos favorecedores; e aumentar um pouco o formato do jornal no princípio do ano, como também na entrega da folha, o que julgamos já ter conseguido, com a aquisição que acabamos de fazer de um caprichoso entregador.

Aproveitamos também o ensejo para declarar que, mais tarde, pretendemos apresentar novamente o retrato do tão distinto quão

³⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887, a. 1, n. 2, p. 3.

simpático cavalheiro Sr. João Luís Viana, por não nos ter agradado o que estampamos em nosso número três.

Entretanto, pedimos desculpa aos interessados por essas faltas alheias à nossa vontade, as quais não devem servir de pretextos como têm servido a algumas pessoas, para tarde e a más horas devolverem o jornal quando estamos sempre prontos a atender a todas as reclamações.

Aqueles que nos devolveram o periódico somente quando o nosso cobrador os visitou, e outros por a *Comédia* não se ocupar de ninharias, de desbragadas descomposturas, e da vida privada, ficarão arquivados no nosso livro de lembranças... para ocasião oportuna.

Custa a crer que tais razões se deem!...³⁷

Trechos de mais um poema publicado no semanário caricato, revelava o gosto do seu público pelos assuntos vinculados aos malfeitos e às mazelas sociais:

Sei que os leitores queridos
Da *Comédia* cá da casa,
Dizem estar aborrecidos,
Sei que os leitores queridos,
Por não verem-nos metidos
No assunto que tudo arrasa
Sei que os leitores queridos
Da *Comédia* cá de casa.

Ora bem, se isso é que almejam
Ouçam lá, depois não falem

³⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887, a. 1, n. 4, p. 2.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E
SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Vou-lhes dar do que desejam
Ora bem, se isso é que almejam;
Os “ratos” que já farejam
Novas presas, que se calem.
Oram bem, se isso é que almejam
Ouçam lá, depois não falem.

Diz a polícia atilada
Que temos agora em dia,
Que a casa santa, coitada,
Diz a polícia atilada,
Está sendo destroçada!
Quem julgara e quem diria!!!
Diz a polícia atilada
Que agora temos em dia. (...)

São acasos, ninguém fale
Nem sequer meter-se nisso,
Quem souber de roubos, cale
São acasos, ninguém fale,
A cidade não se abale
Porque em tudo anda feitiço,
São acasos, ninguém fale
Nem sequer meter-se nisso. (...)

Foi por artes te berliques,
Foi por artes de berloques,
Por causa de uns certos tiques;
Agora leitor não fiques
A gritar – “nesse não toque!...”
Foi por artes te berliques,
Foi por artes de berloques.

Por hoje calamos ainda
Um negócio de espavento,
Cuja história é muito linda

Por hoje calamos ainda
Nossa missão neste finda,
Aguardem breve um portento;
Por hoje calamos ainda
Um negócio de espavento.³⁸

Tanto em termos imagéticos quanto textuais, um dos mais importantes confrontos desenvolvidos pela *Comédia Social* foi em relação a Duprat, que à época ocupava posição administrativa na empresa prestadora de transportes ferroviários e que foi alvo de recorrentes críticas, como ficou sintetizado na matéria intitulada “O Duprat e a *Comédia*”:

O Sr. Duprat, aquele tipo de bigodes brancos e retorcidos, de cartola cor de burro quando foge, todo metido a inglês, proibiu a seus subalternos lerem, verem ou cheirarem a nossa *Comédia*.

É o homem despótico, senhor de faca e cutelo, que lhe contando que algum empregado da estrada de ferro, sequer olhou para este jornal, é degolado, sem mais preâmbulos. O negócio é sumário, pior que a Lei de Lynch.

Que faria esse bilontra, se todos os empregados da estrada nos estivessem lendo?

Tudo no olho da rua, embora o tráfico ficasse às moscas e parassem os trens, com o prejuízo do comércio e do público em geral, Com isso é que ele nada tem, e sim o seu querer; os mais que se amolem!

É muito audaz o tal inglês falsificado, nem que estivéssemos no tempo do feudalismo,

³⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887, a. 1, n. 4, p. 3.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

que qualquer sacripanta, valendo-se da sua posição, não permitia ao seu semelhante ser senhor da sua vontade.

Os empregados da estrada de ferro, humilhando-se a tanto, dão uma fraca ideia dos seus sentimentos, não passarão de servis bajuladores e capachos a que o superintendente limpará os pés.

Pois fique sabendo o “seu” Duprat que muitos dos seus subalternos são nossos assinantes, estão no completo uso dos seus direitos, nada tem Vossa Mercê com isso, desde que eles não faltem aos seus deveres. Em consideração, merece-nos eles muito mais.

O nosso jornal corre o mundo, e daqui em diante o mandaremos para a Inglaterra, a fim da companhia ver que laia é o seu diretor; como ele é honesto e desempenha o mandato que lhe foi confiado, como ele zela os interesses da companhia tendo chamado para a mesma a antipatia geral, intrigando o comércio com inovações estupendas, grosseirão para merecer a consideração pública, hipócrita e jesuíta, para todos aqueles que o consideravam.

Já que assim quer, poremos a companhia ao fato de todas as suas façanhas, dos arranjos, e da maneira audaciosa e detestável como continua a exercer o lugar que possui, e então veremos se a mesma não lucrará mais, em mandar para o diabo tal empregado, substituindo-o por um mais atencioso, e fiel cumpridor de seus deveres.

Apontaremos os fatos.³⁹

³⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887, a. 1, n. 12, p. 3.

De acordo com a tendência moralizadora, a *Comédia* se propunha a permanecer “de binóculo em punho, observando as tramoias para as historiar”. A respeito das falhas dos serviços de correios na distribuição dos seus exemplares, o periódico reclamava por meio de versinhos, questionando: “Oh senhores do correio/ O que é que fazem então,/Das *Comédias* que mandamos/Pela vossa intervenção?”. E, diante disso, conjecturava: “Deixam os ratos roerem/Põem-nas num canto a juntar?/ Ou fazem delas embrulhos?/Queiram por Deus nos contar”. Utilizando-se igualmente do recurso do texto versificado, a redação solicitava aos favorecedores que bem atendessem ao serviço de cobrança, responsável por arrecadar o valor das assinaturas. Nesse sentido, apelava: “Oh senhores assinantes/Queiram ouvir, por favor,/As lamúrias lacerantes/Do nosso bom cobrador;/Quer da cidade ou de fora”; de modo que “A todos por compaixão/A *Comédia* pede, implora/Que lhe prestem atenção!”⁴⁰.

Dentre os óbices enfrentados pela folha ilustrada estavam os erros de redação, como foi o caso da comunicação segundo a qual, “por ocasião de em nosso último número” terem sido escritos “alguns traços biográficos do ilustre Promotor Público desta comarca, Dr. Eduardo de Araújo, deu-se um pequeno quiproquó que nos apressamos a retificar”, com um engano em relação ao seu primeiro nome, vindo a publicação a pedir desculpas por “este erro involuntário”. A *Comédia* buscava também enfatizar o seu papel social como força de denúncias contra os malfeitos. Nessa linha, a redação

⁴⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887, a. 1, n. 12, p. 3.

COMÉDIA SOCIAL: ARTE CARICATURAL, HUMOR E SÁTIRA NA CIDADE DO RIO GRANDE

lembrava que noticiara “achar-se na cadeia desta cidade o pardo João, sofrendo castigos mandados infligir por seu senhor”, e, como reação à sua matéria, tivera “o prazer de saber” que o promotor fora até a prisão, “fazendo soltar imediatamente aquele infeliz”. Nessa oportunidade, o semanário revelava sua postura abolicionista, pois salientava o papel do promotor o qual, “por uma forma tão brilhante”, fizera “jus à simpatia do povo”, ao mostrar “que, a par de seu invejável talento, possui ideias adiantadas, estando pronto a castigar energicamente o fatal erro da escravidão”⁴¹.

Na última edição dentre as remanescentes como “folha ilustrada”, a *Comédia Social* mais uma vez revelava uma das grandes dificuldades dos representantes da pequena imprensa, vinculada à questão da arrecadação dos fundos que deveriam se originar das assinaturas. Dessa maneira, a redação publicava nota intitulada “Aos nossos favorecedores”, na qual pedia “a todos os senhores desta cidade, da Quinta e da Barra”, que estivessem “em débito com esta empresa, o obséquio de mandarem pagar as suas assinaturas vencidas a 31 de dezembro”⁴².

Assim, a *Comédia Social* cumpriu muito a contento o seu papel de folha ilustrada, humorística e satírica, de modo que seus textos complementavam as construções imagéticas expressas a partir da arte litográfica e caricatural. Além das legendas que acompanhavam a

⁴¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jan. 1888, a. 1, n. 15, p. 2.

⁴² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jan. 1888, a. 1, n. 15, p. 2 e 3.

parte ilustrada, a qual ocupava duas páginas, o periódico trazia, nas outras duas, variada temática expressa textualmente, envolvendo estilos diferenciados, como editoriais – ou artigos de fundo, como eram mais conhecidos à época –, pequenos artigos, notas, avisos, contos, crônicas e poemas. As matérias redacionais voltavam-se às próprias vivências do hebdomadário, seu cotidiano, suas dificuldades e suas inter-relações com os leitores/assinantes. Mas nas mesmas não deixava de transparecer a seiva editorial da publicação, com o espírito crítico, o aspecto moralizador e tom sempre presente da jocosidade e da sátira. De acordo com tal perspectiva, prevalecia aquilo que ficou evidenciado na epígrafe deste livro e que a própria *Comédia* apontava como sua função essencial, ao se propor a ficar sempre a postos, com seu binóculo, para observar as tramoias, de modo a historiá-las.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



ISBN: 978-65-5306-009-8